TERRA E GENTE
da
RIBEIRA DO ACARAÚ
e o
SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO
de
MANUEL FERREIRA CAVALCANTE
(26-II-1811)

Um desbravador no sertão nordestino

(Ceará - Sobral)

por

JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO

RIO DE JANEIRO
1961

Ao Antônio Monte Guixadá, ilustre e prezadíssimo parente, com a amizade de

Farias Carcará de Aragão

Rio, 26. VI. 68

1991

SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANUEL FERREIRA CAVALCANTI

BIBLIOTECA
JUSTINIANO DE SERPA
ACL
Reg 5646 Data 20/11/23
9263
C376a

OBRAS E TRABALHOS DO MESMO AUTOR

1 — "Curiosidades acêrca da sintaxe dos verbos: *mandar, fazer, deixar, ver, ouvir, ajudar, obrigar*" — Separata da revista *"A Aspiração"*, de dezembro de 1937.

2 — *"Passividade Semiótica ou Latente"* — Separata da revista *"A Aspiração"*, de maio de 1938.

3 — *"Algumas Curiosidades Regenciais"* — Publicação da "Revista Filológica", de dezembro de 1940 e de março de 1941.

4 — *"A Língua Portuguêsa* (De Gramática e de Análise)", 1940, edição esgotada, Liv. F. Alves.

5 — *"A Língua Portuguêsa"*, Gramática para as quatro séries ginasiais, 1943; obra de Colaboração.

6 — *"Antologia* — Primeira e Segunda Séries", 1943; obra de Colaboração.

7 — *"Antologia* — Terceira e Quarta Séries", 1943; obra de Colaboração.

8 — *"A Passividade Verbal* em seus vários aspectos" (Estudo Comparativo nas Línguas Românicas), 1944, Ed. Briguiet.

9 — *"Exercícios Comentados de Análise"*, 1945. Obra de Colaboração.

10 — *"Crescimento e Decadência dos Municípios Brasileiros"*, 1947.

11 — *"Unidade de Língua e Unidade Política"*, 1948.

GENERAL JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO

(Com o Curso de Engenharia da antiga Escola Militar do Realengo) Professor Catedrático de Português do Colégio Militar do Rio de Janeiro e Chefe da 1.ª Seção de Ensino, Membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, Antigo Professor de Curso Secundário da antiga Prefeitura do Distrito Federal, Engenheiro Agrimensor, Aluno laureado do Colégio Militar com as medalhas de ouro Duque de Caxias e Barão do Rio Branco

e

Bisneto do Homenageado

SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANUEL FERREIRA CAVALCANTI

(26-II-1811 — 7-III-1901)

Referências acêrca de seus *ascendentes e descendentes.*

"Vereis .....
.....
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno."

("Lus.", I, 10, Camões)

RIO DE JANEIRO
1961

PREITO DE SAUDADE

A *FRANCISCO DODÔ FERREIRA CAVALCANTI*

(Avô materno do autor e filho do homenageado), nascido em Sobral, a 18-VIII-1852, e falecido em S. Luís (Maranhão), a 26-VIII-1921. Foi uma personalidade lúcida, digna e austera, e legou-me, em manuscrito inédito, grande parte dessas informações.

"Que outrem possa louvar esfôrço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja."

("Lus.", III, 4, Camões)

À memória

de *MARIA OLÍMPIA CAVALCANTI DE ARAGÃO*

(neta do homenageado e genitora do autor)

e dos oficiais aviadores,

CAPITÃO VICENTE CAVALCANTE DE ARAGÃO

e

1.º-Tte. RAIMUNDO CAVALCANTE DE ARAGÃO,

falecidos em desastre de aviação, no ano de 1939.

(Bisnetos do homenageado e irmãos do autor).

"Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai dourando:
Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando."

(Álvares de Azevedo)

PREFÁCIO

É exato que muitos já escreveram a respeito de SOBRAL, *que é, por todos os títulos, a princesa da* RIBEIRA DO ACARAÚ. *E fizeram-no, certamente, porque ali viveram tôda uma existência, amando-a, sentindo-a e sofrendo com ela, não só nos momentos gloriosos de sua bela trajetória, como nos transcursos terríveis daquelas calamidades periódicas que soem abater-se sôbre a nossa terra e a nossa gente valorosa. Escreveram, como historiadores fiéis, a história de um povo que não permite se inveje a dos peregrinos da "Mayflower", pelo seu destemor, pela sua etnia, pelos seus propósitos, pelo seu civismo e, mais do que isso, pelo seu amor acendrado à nova terra, ao novo berço, ao novo torrão que passaria a adotar com extremada e eterna dedicação.*

Traçaram-lhe a história, os que já a escreveram, em pinceladas verdadeiras, nítidas, rigorosamente exatas, que, ao historiador do porvir, servirá de farol seguro às pesquisas de qualquer ordem que se impuserem.

Nós, todavia, vimo-la, aquela Sobral distante e tão remota, na nossa mais tenra puerícia. A sua gente, a sua terra, as suas ribeiras acarauenses, os seus prados, as suas praças, os seus aguapés e, enfim, os seus múltiplos aspectos, rememoramo-los, hoje, através de uma perspec-

tiva longínqua, em que as côres já esbatidas adquirem uma interpretação diferente, um como consórcio do carinho e da saudade que o nosso coração guarda, no seu mais precioso recesso, como relíquia sagrada e inalienável.

Vemo-la, aquela adorável princesa do Acaraú, como um teatro encantado em cujo pomposo palco se movem, austeras, as figuras dignas dos nossos antepassados que, no desbravamento do solo e no amanho da terra, ajudaram a fundá-la e a engrandecê-la, deixando-lhe, ainda, entre outros legados, uma descendência vigorosa que hoje, sobejando no amor da Pátria, procura edificar, nos mais remotos rincões e nas mais variadas profissões, o Brasil portentoso de amanhã.

É, assim, que vemos Sobral, numa recordação constante e tanto mais intensa quanto mais nos amadurecem os anos. E é, assim, que desejamos pintá-la, como, talvez, "naquele engano d'alma ledo e cego" de nossa puerícia, em que as ribeiras do Acaraú, do nosso passado convívio, ora rorejadas e verdejantes, ora crestadas e silicosas, representam os sonhos cândidos de nossa infância, os saudosos dias de um pretérito remoto, mas sempre vivo e presente em nossa memória.

Essa fantasia, porém, ainda que calcada no fato real e autêntico, reflete devaneios da meninice, sempre doces e puros, que podem, por vêzes, em alguns aspectos, não corresponder à legitimidade exatamente.

É possível que o amor ao torrão natal empreste excepcional carinho e vigoroso colorido à frase, na descrição daquela terra e daquela gente em cujas veias generosas circula, também, o nosso sangue. Mas, ainda assim, agiganta-se a nossa convicção de que gente tão merecedora,

em terra tão feraz, é digna de melhores dias e faz jus à sua perpetuação, à sua continuidade, amparando-se e orientando-se, desde já, técnica e cientìficamente as suas atividades, para que se restaure, em sua plenitude, naquele recanto da Pátria, o império da solidariedade humana.

JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO

ALGUMAS PALAVRAS AINDA

A saudade, a gratidão, o amor ao passado, embora nos representem muito, não nos autorizariam, contudo, a escrever essa pequena monografia, se não fôra o fato relevante — e que proclamamos com carinho — de nos ter legado o nosso avô materno, FRANCISCO *(Dodô)* FERREIRA CAVALCANTI, *precioso manuscrito, ainda inédito, com referências genealógicas e outros assuntos, que utilizamos na feitura desta memória. A êle, pois, além da nossa saudade e da ternura que sempre lhe dedicamos, a nossa mais imensa gratidão.*

O AUTOR

Não há palavras com que agradecer a JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO o trabalho de pesquisa em tôrno do assunto: figuras que nos envaidecem.

Descendermos de tal gente é honra e alegria. E, se JARBAS não trabalhasse com o coração, não "teríamos" tal ascendência de que falar e orgulhar-nos.

Na realidade, foi êsse jovem e digno parente — cheio de tantos títulos altos — quem assim construiu — devemos dizê-lo — o marco principal, imortal, que aqui se homenageia.

Precisamos de saber preservá-lo!

Rio, janeiro de 1961.

ALFREDO PESSOA (*)

(*) *Nota do autor* — Engenheiro, escritor, alto funcionário do Estado da Guanabara e figura de relêvo nos meios intelectuais, assim pela invejável inteligência, como pela primorosa cultura, é ALFREDO PESSOA um dos mais ilustres bisnetos daquele que, através desta *memória*, se reverencia — MANUEL FERREIRA CAVALCANTI.

INTRODUÇÃO

Povo sem tradições, sem amor ao passado, é povo que não deixará, por certo, rastro luminoso, na História da Humanidade.

No Brasil, sobretudo no Nordeste, essas tradições são sempre altas, quando a calamidade e o infortúnio periódicos, impostos, exclusivamente, pelas conseqüências sempre relegadas de uma caprichosa *tropicalidade*, não nas fizeram ser esquecidas ou apagadas, na memória daqueles a quem a Pátria, em nome de sua integridade territorial, há muito já deveria ter mandado recompensar no "habitat", a mais viva e perene gratidão que recebera do sacrifício e devotamento de seus Maiores, nas cruentas lutas pela conservação e definitiva posse do solo sagrado.

O *povo nordestino*, principalmente aquêle que, castigado pelo fogo impenitente dos Holandeses, se estabeleceu no polígono mais atingido pelas sêcas, o compreendido entre a Borborema e a Ibiapaba, é povo de boa etnia, de excelente formação moral, já que na sua maioria, descende do bravo e nobre Português do século XVI, XVII e XVIII, de cuja alma brotavam os excelsos ideais de colonização e grandeza da Pátria e cujo coração arrebatador vibrava ainda, em sincronia com os impulsos patrióticos

de D. João I, D. João III, D. Manuel ou, igualmente, de um Camões imortal.

Pesquisando e estudando a história dêsse nosso povo, através de sua alma pioneirista, de seu amor e dedicação ao solo a que se une, e do seu desvêlo à família por cuja continuidade zela com extremos, é que se pode avaliar quão grandes são os seus caracteres e quão elevadas e nobres as suas qualidades morais.

É em nome dessa gente, em grande parte, hoje empobrecida, depois de despojada do precioso e imprescindível patrimônio florestal de sua gleba, o qual, através da exportação do *pau-brasil*, foi o maior fornecedor de divisas ao país até 1825, que formulamos, nesta oportunidade, o nosso pesar aos que, responsáveis, direta ou indiretamente, pelos destinos dêste grande país, ainda não lhe resolveram o problema da sobrevivência no seu próprio "habitat".

A ciência e a técnica modernas — e o Brasil é um país de cultura e civilização — não comungam com o empirismo e o charlatanismo que ainda se podem observar, infelizmente, vicejando aqui e ali, para desgraça da solução de muitos dos nossos problemas fundamentais. Pouco se tem feito entre nós, à base de planejamento racional. Parece ignorar-se o *prever* para *prover*, em quase tudo que se refere ao Nordeste.

Por outro lado, nem sempre as providências relacionadas com o Nordeste consideram o meio tropical, com o seu regime climático, igualmente, tropical. Os problemas não são apenas como se pensa, de engenharia e medicina naquela região quase equatorial. No Nordeste, as soluções devem ser encontradas, também, através de equipes de

cientistas sociais, ecologistas, climatologistas e silvicultores, para que, numa sistemática de integração, possam estabelecer as condições de adaptação perfeita a tipo de civilização moderna, dentro dos caprichos e exigências daquela conjuntura tropical.

Já não se pode admitir, hodiernamente, que no Brasil se assista a essas migrações humanas vergonhosas e deprimentes, fruto da nossa incapacidade de planejar em alguns casos, e, em muitos outros, conseqüência da absoluta negligência da Administração Pública.

O Nordeste atual que conhecemos, é o resultado da incúria e do esbulho. Se se pretendesse resolver a situação daquela região com sinceridade e patriotismo, nomear-se-ia, primeiramente, uma equipe de cientistas, para estudar os problemas em todos os seus ângulos e aspectos e, sòmente depois de planejados, iniciar-se-ia a fase executiva, que deveria encontrar as condições de adaptação perfeita do homem nordestino a um tipo de moderna civilização, em ambiente tropical sensível e exigente como aquêle.

A nossa civilização tropical, ali mesmo no Nordeste, já foi grande e até cobiçada, quando as condições ecológicas eram outras. Hoje, rompidas essas condições mesológicas, por falta, sobretudo, de planejamento que protegesse a Natureza, a civilização ali tornou-se instável e retrógrada. Os rios, perenes que eram, ao tempo em que havia equilíbrio ecológico, tornaram-se periódicos, com graves prejuízos para a região, porque, sem água, não pode subsistir civilização.

Estamos, dêsse modo, apresentando ao Mundo, ali no Nordeste, dolorosa demonstração de ausência de amadu-

recimento social. O Brasil que, com tanta audácia e consciência patriótica, expulsou dali o holandês invasor, perde, no mesmo local três séculos após, a batalha da fé e do coração.

E a solução do problema não é das mais difíceis. EUCLIDES DA CUNHA, no "Os Sertões", publicado em 1902, já oferecia soluções, depois de estudar as que, antes de Cristo, foram empregadas, com sucesso, pelos Romanos, no Norte da África.

É profundamente lamentável que, apesar de sua energia e espírito de sacrifício, se ache o *povo nordestino*, em país tão poderoso, destinado ao sofrimento e ao nomadismo, reduzido à impotência e à miséria, quando atingido pela calamidade climática!

Êste nosso trabalho é também uma reverência a quantos, com o nosso sangue ou sem êle, mas filhos da *Ribeira do Acaraú* ou das demais ribeiras nordestinas, possuidores uns e outros de tradições honrosas, estejam sujeitos ao perigo funesto e sempre iminente, mantendo-se, embora, firmes e bravos, no amor à terra sagrada de seus Antepassados.

Sempre pronto a fecundá-la e a restaurar-lhe o antigo esplendor, se lhe proporcionarem as armas apropriadas a êsse objetivo redentor e patriótico, o homem nordestino, na sua epopéia gigantesca e secular descrita no solo extremado, com sofrimentos e lágrimas, é o mais vivo e perfeito símbolo, em nossa Pátria, de quanto podem a vontade, a energia, a tenacidade, o sacrifício e o espírito de resignação.

TERRA E GENTE DA RIBEIRA DO ACARAÚ

A TERRA

A TERRA

Descoberto o Brasil, a colonização manteve-se, por muito tempo, no litoral. Não só os índios, como também a soberba *mata atlântica*, opulenta paisagem vegetal debruçada sôbre as costas marítimas brasileiras, representavam sérios obstáculos à conquista da terra.

Essas *matas costeiras*, ou melhor, essas *florestas orientais* que, ainda hoje, em alguns pontos do nosso litoral, ostentam sua exuberância, constituíam, ali no Nordeste, densa faixa de 250 a 300 quilômetros de largura, majestosa e arrogante, entre o Mar e a Borborema, riquíssima em *pau-brasil* e outras madeiras, formando assim, difícil e perigoso óbice à penetração do alienígena.

Nos primeiros anos após o descobrimento, forasteiros atraídos pela riqueza florestal representada por grande variedade de madeiras e essências preciosas, começaram a freqüentar o litoral nordestino. Eram aventureiros e armadores traficantes interessados no *pau-brasil* e outras especiarias.

Dêsse modo, a terra estava exposta aos saques, até que, em 1534, foi criada a Capitania de Pernambuco, na qual, apesar do bem-estar e ventura de que se desfrutava — graças às elevadas qualidades de seu primeiro donatário, DUARTE COELHO PEREIRA — poucos progressos

se realizaram, para maior conhecimento do interior da terra. Apenas voltaram-se as vistas, com maior atenção, para o vale do S. Francisco, de mais fácil penetração e de cujas riquezas muito se falava já naquele tempo.

Só bem mais tarde, em virtude das *invasões holandesas* e, ainda, pela presença de franceses no Maranhão, foi que se iniciou a penetração, no interior cearense, de pessoas e famílias que se sentiam acossadas pelo fogo dos invasores.

Assim, pelo mar, isto é, pelo litoral, onde a presença da *mata atlântica* era insignificante ou inexistente, começaram a chegar os primeiros povoadores, oriundos, principalmente de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, e estabeleceram-se, pela facilidade do acesso, nos vales dos rios principais.

Pelo interior, isto é, pelos colos existentes entre a *Chapada do Araripe* e os vários contrafortes da *Borborema*, famílias de Pernambuco e da Bahia atingiram o Ceará, alcançando, primeiramente, o ubérrimo vale do Jaguaribe, tangidas que vinham pelas terríveis perseguições e ataques dos holandeses.

Dessa forma, expulsos de seus primitivos engenhos, em Pernambuco sobretudo, povoadores mais aristocratas fixaram-se nos vales do *Acaraú* e *Jaguaribe*, principais rios cearenses, e aí adquiriram terras por sesmarias.

A notícia da fertilidade das aludidas terras não tardou a ecoar, e outras famílias, movidas por idênticos motivos, transportaram-se para aquela região opulenta que, posteriormente, se lhes apresentaria como ideal para a criação de gado.

Embora salpicado de serras, serrotes e outros relevos que, raramente, atingem os 1.100 metros, sôbre o nível do mar, aquêle polígono que, mais tarde, viria celebrizar-se como o mais terrível recanto de irregularidades nas precipitações pluviais, apresentava magníficas pastagens, nos grandes vales acumulados de aluvião. A mata, se bem que menos majestosa que a *Atlântica* ou *Oriental*, era, mesmo assim, exuberante, nos relevos daquele polígono circunscrito por verdadeiro cinturão orográfico — *Borborema* a leste, *Chapada do Araripe* ao sul, serras dos *Dois Irmãos, dos Cariris* e *Grande* a oeste —, que se abre, apenas ao norte, no litoral do Atlântico, sem relêvo, onde a pluviosidade é bem mais intensa.

Foi a partir da segunda metade do século XVII que a *Ribeira do Acaraú* começou a povoar-se, acorrendo, porém, a ela, sòmente aquêles que, por suas condições sociais, podiam receber *datas* e *sesmarias* ou, ainda, os que, pertencendo a famílias distintas, se aliavam a outras já possuidoras de terras, através do casamento. Por êsse e outros motivos relevantes, os consórcios consangüíneos realizavam-se, nessa época, em profusão.

Não é sem motivo, assim, que temos hoje, alí no Ceará, o homem com caracteres próprios, distinguindo-se, quase sempre, dos demais brasileiros, pelo seu tipo somático especial.

Ocupada a terra, o seu aspecto topográfico e florístico conduzia, naturalmente, o homem à exploração da indústria pastoril.

As fazendas, às margens dos rios e riachos permanentes àquela época, multiplicaram-se.

Os tipos de gado que ali começaram a ser criados, foram os já existentes no país — o *Flamengo*, o *Limosino* ou *Aquitâneo* e o *Ibérico* —, introduzidos, respectivamente, pelos holandeses, franceses e espanhóis.

Do cruzamento dessas três raças surgiu, em alguns anos, um tipo bem caracterizado e muito conhecido, o *Caracu*, corruptela de *Acaracu*, nome com que, segundo o indianólogo Dr. TOMÁS POMPEU SOBRINHO, se designou, até 1878, o *Rio Acaraú*.

Afamada e enriquecida a *Ribeira do Acaraú* pela excelente raça de gado que lá se criava, resultado não só do labor e inteligência de seu povo, como também das ricas pastagens dos seus imensos e fertilíssimos prados, ràpidamente começou a exportação de gado para as demais capitanias.

As feiras de *Quixeramobim*, no sertão do Ceará, tornando-se célebres, constituíram centro de atração de fazendeiros de tôda a extensão do vale do S. Francisco até o sertão mineiro. Dos campos de *Quixeramobim* partiam, pelo *Quixelô* e *Crato*, manadas de gado, assim para Pernambuco e região do Moxotó, como também, através do vale do S. Francisco, para a Bahia, Goiás e Minas Gerais.

Por outro lado, havendo abundância de gado gordo, na segunda metade do século XVIII, começou o seu abate, em charqueadas que se notabilizaram.

A primeira delas foi em Aracati onde se abateram 20.000 reses. Muitas outras se realizaram, posteriormente, na *Ribeira do Acaraú*.

O gado, assim abatido, era exportado, depois de convenientemente preparada e conservada a sua carne, grandemente apreciada na Bahia, Maranhão e Pernambuco.

Segundo TOMÁS POMPEU, em 1803, havia no Ceará, só em gado vacum, 103.200 cabeças, e, em 1860, 1.200.000.

Adquirindo renome a região do Acaraú, várias outras famílias ilustres e nobres para lá se transportaram, fixando-se definitivamente na Ribeira.

Muitas *datas* e *sesmarias* foram doadas a famílias de excelentes títulos que constituíram o tronco de numerosos e respeitáveis filhos da região.

Dedicavam-se os novos povoadores à criação de gado sobretudo, e também, à industrialização do couro e à plantação de algodão, cereais e cana de açúcar.

Grande parte da produção provinha das serras da *Meruoca* e *Rosário*, dos vales feracíssimos e das terras marginais aos riachos e afluentes do rio *Acaraú*, o segundo do Ceará pela extensão e importância. O seu curso é de 320 quilômetros e a sua bacia hidrográfica ocupa uma área de 14.500 km². Formada de mananciais e afluentes nascidos nas diversas serras e serrotes circunvizinhos, naquela época ostentando ainda exuberante mata, a bacia do Acaraú era perene, mesmo por ocasião do estio, assegurando, assim, a água e a umidade necessárias às mais variadas atividades do campo. A Natureza, apesar dos desmatamentos, estava ainda quase intacta, havendo, dêsse modo, o equilíbrio ecológico indispensável às condições normais de vida.

Mas o desmatamento e mesmo a devastação da riqueza florística, para dar lugar a plantações e a novas pastagens, continuavam em ritmo acelerado, à proporção que a população aumentava e as fazendas se multiplicavam. Preparavam-se, dêsse modo, embora inconscientemente, num *meio tropical* propício, as condições impres-

cindíveis ao desequilíbrio dos fatôres ecológicos, cujas inevitáveis conseqüências iriam abater-se, mais tarde, sôbre aquela região e aquêle povo laborioso e de propósitos tão alevantados.

É evidente que, nos primeiros tempos, o patrimônio florestal, quase intacto, amenizava, sàbiamente, as irregularidades pluviais menos freqüentes. A exportação e a importação pelo pôrto do Acaraú davam vida e progresso invejáveis à Ribeira. As famílias ali radicadas permitiam-se pelos seus justos títulos aliados ao trabalho honroso e produtivo, em terra tão dadivosa, certo preconceito cujos vestígios se podem perceber ainda hoje, colorindo, levemente, aqui e ali, os remanescentes da passada grandeza de todo aquêle povo bem nascido e sempre digno de maiores atenções.

A DEVASTAÇÃO DA NATUREZA

Êsse crescente saque à Natureza não poderia, porém, realizar-se impunemente. Desde os primeiros tempos, com a expansão e multiplicação das fazendas para a criação de gado, iniciou-se a derrubada de matas, indiscriminadamente.

Monsenhor FORTUNATO ALVES LINHARES, em suas *"Notas Históricas da Cidade de Sobral"*, assinala a existência dessa devastação de matas, logo nos primeiros tempos, quando declara:

"Já em 1690 Félix da Cunha Linhares fixava sua residência no lugar a que deu o nome de S. José, aí construindo uma capela... Riacho Guimarães (atualmente Groaíras), S. José e Caiçara, hoje Sobral, foram os primeiros pontos escolhidos pelos que aqui chegavam. Estabeleceram-se, fundando as fazendas de criação de gado, *derribando as primeiras matas* (o grifo é nosso)..." ("Op. cit.", pg. 59).

Começava-se, dêsse modo, a alterar o meio físico na *Ribeira do Acaraú*, onde os aspectos climatológicos, como os de qualquer outra região de zona tropical, são complexos e até mesmo caprichosos. Ali na Ribeira, só há, pràticamente, duas estações — a *pluviosa*, de janeiro a junho, e a *sêca*, de julho a dezembro, havendo, natural-

mente, pequenas variações, na duração de cada uma, mesmo quando os fenômenos climáticos são tidos como normais.

Durante a *estação sêca*, como é óbvio, os rios diminuem a sua vazão, e os mananciais empobrecem, principalmente quando não se acham protegidos por poderosa cobertura vegetal, porque as florestas, sobretudo as dos relevos, exercem ação protetora por excelência, de nascentes e mananciais, e contribuem para uma sensível diminuição de temperatura, favorecendo, assim, as precipitações. Há, na intimidade delas, constante transpiração, e verificam-se mesmo, em plena estação sêca, incessantes *condensações* a que E. de MARTONNE, em seu "Traité de Géographie Physique", com muita propriedade, chama *ocultas*. São essas *condensações ocultas* nas florestas, que asseguram, em países de relevos modestos como o nosso, a perenidade dos rios, especialmente nas regiões de *regime tropical*, como a *Ribeira do Acaraú*, em que a estação sêca se prolonga pelo menos, por seis meses.

Naquela *Ribeira*, como em todo o Nordeste, tendo sido dilapidado quase todo o manto florestal protetor do solo, e, desgraçadamente, o dos relevos também, desapareceram, igualmente, durante a estação sêca, as *condensações ocultas* e grande parte da umidade, proporcionadas umas e outra pelas florestas.

Os rios, de perenes que eram, passaram, imperiosamente, a periódicos. Propiciou-se naquela *tropicalidade caprichosa* e *sensível* o desequilíbrio ecológico, e, por conseguinte, as estações *sêcas*, normalmente *alternadas* com as *pluviosas*, tornaram-se, com mais freqüência, *contínuas* e, por isso mesmo, menos suportáveis. As inundações ou

estações pluviosas mais severas começaram, por seu turno, a causar danos, como conseqüência, ainda, do desmatamento indiscriminado, já que as florestas exercem, também, a função frenadora das precipitações, não permitindo as bruscas condensações ou trombas d'água e proporcionando ao solo que revestem, notável poder de infiltração e mesmo absorção.

As florestas recebem constantemente, através das *condensações invisíveis*, incalculável quantidade de água que se infiltra no solo que recobrem, transformando-o, por êsse modo, em imensos depósitos d'água permanentemente armazenada, que asseguram, não só a contínua umidade das terras circunvizinhas, como a perenidade das nascentes e mananciais em qualquer estação do ano.

Se possuíssemos montanhas elevadas, a devastação das matas não seria tão nociva, porque, nesse caso, as geleiras proporcionariam a perenidade dos rios. Infelizmente, porém, os nossos sistemas orográficos são modestos, e ali, na *Ribeira do Acaraú*, como em todo o Nordeste, as serras e morros solteiros são ainda mais acanhados.

A GRANDE SÊCA

Sobral, reduzidíssimo povoado no começo do século XVIII com o nome de *Caiçara,* passou, em 5 de julho de 1773, a chamar-se *Vila Distinta e Real de Sobral,* e, por ato de 12 de janeiro de 1841, foi elevada à categoria de cidade, tomando o nome atual.

Segundo registra a História, se bem que se tivessem observado, na *Ribeira do Acaraú,* desde os primeiros tempos de seu povoamento, *sêcas e inundações,* como conseqüência das irregularidades dos fatôres climáticos, a Natureza, contudo, pouco devastada, oferecia ao homem as condições necessárias a uma existência digna e progressista.

Em 1792, reza a tradição, houve uma grande sêca que dizimou parte do gado, tendo sido, então, interrompidas as *charqueadas* que permitiam a exportação do *charque,* chamado *carne do Ceará.*

Contudo, as fazendas, principal ocupação daquelas dignas e organizadas famílias, continuaram no seu ritmo normal. A Vila Distinta e Real de Sobral progredia e as atividades pecuárias e agrícolas da Serra da Meruoca, da Serra do Rosário, dos vales úmidos circunvizinhos e das demais terras aproveitáveis da Ribeira apresentavam bons e crescentes resultados.

Segundo a autorizada opinião de A. J. SAMPAIO, "a primeira sêca atendida pelo Govêrno, com víveres para os restirantes, foi a de 1825."

"Antes disso, continua A. J. SAMPAIO, havia sêcas, sem dúvida, mas a devastação da Natureza não tinha chegado a ponto de torná-las a calamidade que hoje custa ao país milhares de contos, de quando em quando." ("Fitogeografia do Brasil", pg. 105).

Em Sobral, todavia, síntese que é da *Ribeira do Acaraú*, servida, pois, por magnífica bacia hidrográfica, o ano sêco de 1825, não foi tão terrível para aquelas famílias de escol, organizadas e operosas que persistiam arraigadas nos trabalhos agropecuários e na multiplicação das fazendas, fecundando e amando, sempre mais, aquêle solo generoso e fértil que, se não fôra a sua condição tropical, caprichosa e sensível, teria permitido se edificasse ali uma das mais brilhantes e poderosas civilizações da América Latina.

Em 1877-1879, contudo, abateu-se sôbre aquêle povo digno e seleto o primeiro grande golpe, rude e destruidor. Até então, as dificuldades eram sempre contornadas e, afinal, superadas pela inteligência e operosidade da grei intimorata e valorosa da *Ribeira do Acaraú*.

Na realidade, antes de 1877, de um modo geral, tôda a *Ribeira do Acaraú* progredia.

É ALBERTO AMARAL que, em côres vivas, nos descreve o progresso da Ribeira, antes da Grande Sêca. E, com o entusiasmo de orgulhoso sobralense, afirma-nos que "o valor da exportação e importação pelo pôrto do Acaraú era calculado em 2.500 contos. Os vapores de cabotagem carregavam algodão, sola, couro, cereais, e

descarregavam fazendas e estivas... Em 1876, Sobral atingiu a plenitude da sua fôrça econômica." ("Para a História de Sobral").

Possuía a cidade de Sobral, em 1876, mais de 30.000 habitantes, empenhados num vigoroso e promissor comércio de exportação e importação. Cultivava-se, no município, a terra feraz, com magníficos resultados. Além das atividades agropecuárias, havia as indústrias decorrentes do preparo do couro e da produção da cana de açúcar e do algodão.

Achando-se em constante ascensão o padrão de vida, surgiam escolas, ginásios e até teatros.

Figuras ilustres do magistério e das letras alicerçaram ali os seus conhecimentos intelectuais.

A Grande Sêca de 1877-1879, sem dúvida, foi a primeira terrível catástrofe daquele laborioso e digno povo, cuja justa vaidade, arrimada no conhecimento de seus títulos e tradições, foi, nessa oportunidade, ferida rudemente. O infortúnio coletivo humilhou e despedaçou, ali, a personalidade humana. Aquela gente eleita e ciosa de seu passado, prosternada pela miséria, vencida pela fome e agrilhetada pelo desespêro, desmoronou-se em grande parte, sobretudo quando da separação dos seus e da terra querida, muitas vêzes em caráter definitivo.

Bastantes foram as famílias em cuja porta penetraram, a um só tempo, a dor, as lágrimas, a necessidade, a doença, a aflição e o desalento enfim. Raríssimas as que pouco sofreram.

Talvez tivesse sido mais razoável que, a êsse povo tão bem nascido, lhe coubesse melhor partilha nos bens

da Natureza. A êle que, com tanta convicção e ternura, estremece a terra que lhe serviu de berço.

No século XVIII, a nossa civilização, com a cultura existente, sem pesquisas anteriores e sem modelos devidamente apreciados, não estava apta para colonizar, eficientemente, um espaço tropical "sui-generis", como o Nordeste Brasileiro. Franceses ou holandeses malograriam, como malograram, em certos aspectos, os nossos ancestrais portuguêses.

Lamentável, porém, é que, com o progresso já alcançado e com o adiantamento da técnica e da ciência, entre nós, estejamos, ali no Nordeste, fornecendo ao mundo prova cabal de incapacidade administrativa.

Debatemo-nos, indecisamente, na procura de soluções para problema já equacionado, e, com essa demonstração de inépcia, temos sacrificado sucessivas gerações de um grupo social, com elevado valor físico e moral, as quais, exaurindo-se aos poucos, no berço idolatrado, têm apelado no momento derradeiro para o êxodo aviltante, e, em muitos casos, reduzidas à penúria, têm vagueado por terras longínquas, convertidas em párias, lá no fundo da última camada social, esquecidas de seu passado e dos grandes serviços prestados pelos seus Maiores à sublime causa da integração da Pátria.

A indigência é um plano inclinado onde quase sempre resvalam e se despenham os que têm a infelicidade de atingi-la. Impelidos pela desdita e transformados em "paus-de-arara" ou em "candangos", palmilham humilhados e empobrecidos as terras sulinas, aquêles que, hoje, desprezados e vencidos, edificaram, contudo, ontem, para

outros, com grandeza e propósitos alevantados, o nosso Brasil amplo, poderoso e respeitado.

É assim a *Ribeira do Acaraú* — ingrata, caprichosa, enganadora, inconstante e bela — e, talvez, por tudo isso, muito amada de seus filhos.

A GENTE

"Também é notório que DUARTE COELHO PEREIRA trouxe em sua companhia, além de sua nobilíssima família, muitas outras pessoas nobres que, convencidas das conveniências que lhes prometeu, o quiseram acompanhar nessa nova conquista e povoação do que procedeu ser a de Pernambuco a de mais fama e distinção, entre tôdas as do Brasil." (BORGES DA FONSECA, "Nobiliarquia Pernambucana", v. I, pg. 307).

A GENTE

Tôda a região nordestina era, como se sabe, habitada por índios pertencentes a tribos diversas, quando aqui chegaram os portuguêses, nossos descobridores.

Já no comêço do século XVI, iniciaram-se as tentativas de penetração no sertão nordestino, e os contactos com indígenas, principalmente para o comércio ilícito do *pau-brasil* e outras *especiarias*. Eram multidões de armadores traficantes e demais aventureiros que, sem convicção ou intenções mais nobres, procuravam comerciar e se iam deixando penetrar em paragens mais distantes do litoral. E a prova dessas tentativas ou aventuras, assim de portuguêses, como de franceses e holandeses, obteve-se, posteriormente, pelo encontro de indivíduos mestiços e, também, de nomes geográficos, como, por exemplo, o de *Cacimba da Flamenga* dado a uma nascente, na Serra de Jabitacá, no interior de Pernambuco.

Contudo, as dificuldades de interiorização eram tremendas. A exuberante paisagem vegetal, faixa variável de 250 a 300 quilômetros de largura, constituída pelas *matas costeiras* ou *florestas orientais*, era obstáculo intransponível pelos que, individualmente ou em pequenos grupos desprovidos de recursos, procuravam penetrar no interior do país. Por outro lado, a Cordilheira do Mar que se es-

tende, como sabemos, das Serras do Herval e dos Tapes, no Rio Grande do Sul, até a altura do Cabo de S. Roque, no Rio Grande do Norte, apresentava-se como outro obstáculo natural sério aos que desejavam aventurar-se pelo sertão adentro, naquela região nordestina, onde, com a denominação de Chapada da Borborema, tem a citada Cordilheira elevação média de 400 metros.

Era êsse o aspecto geral que se desenhava, na região nordestina, quando o Govêrno Português, no reinado de D. João III, resolveu pôr em prática o sistema de *Donatarias*, como recurso seguro e sem maiores despesas, para a ocupação e povoamento de tôda a colônia.

A *Capitania de Pernambuco* foi uma das que primeiro se povoaram e, com muita felicidade, pois que o seu primeiro donatário, DUARTE COELHO PEREIRA, era homem rico, enérgico, reto, perseverante e dotado, principalmente, de grande espírito de iniciativa.

Chegando a Pernambuco em 1535, DUARTE COELHO PEREIRA tomou, a 9 de maio, não só posse de tôdas as terras, como da sua governança e jurisdição.

Trouxe em sua companhia, assim a família, como muitos parentes, entre os quais se destacava o seu cunhado, JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, tronco que seria de numerosíssima e importante família de seu sobrenome, espalhada hoje por quase todo o Brasil.

Além disso, é sabido "que muitas pessoas nobres, convencidas das conveniências que lhes prometeu o primeiro Donatário, o quiseram acompanhar, nesta nova conquista e povoação, determinando, por êsse modo, ser a colonização de Pernambuco a de mais fama e distinção, entre tôdas as do Brasil" (Cfr.: "Nobiliarquia Pernambucana", v. I, pg. 307).

Todavia, não encontrou DUARTE COELHO a sua Capitania completamente despovoada, porque, em 1526, Dom João III tinha enviado CRISTÓVÃO JACQUES com uma esquadrilha de seis navios, para fundar feitorias. Assim, DUARTE COELHO já encontrara um comêço de povoação, no litoral pernamhucano, que lhe facilitou a obra vigorosa de colonização e administração.

Fundando outras povoações e desenvolvendo a criação e a cultura do algodão, fumo e cana de açúcar, volveu DUARTE COELHO, mais tarde, as vistas para a bacia do S. Francisco, propiciando fôsse o grande vale, em pouco tempo, o prodigioso caminho de penetração para o interior da Colônia.

Todo o século XVI foi, assim, de contactos com a nova terra, sem que se traçassem, contudo, rumos largos para a efetivação da obra de colonização. Havia, até então, por parte de muitos que aqui aportavam, o espírito de aventura, reminiscência da época da Cavalaria.

Se bem que a Igreja estivesse presente à obra da conquista desde os meados do primeiro século do descobrimento, não se pode deixar de assinalar o acentuado espírito de indisciplina que iria gerar, sem dúvida, os atos de desordem da população incipiente, de perseguição aos índios, de excesso na administração e, ainda, os de intriga, inimizades e lutas que passariam a caracterizar os passos da Colônia, durante o século XVI.

O século seguinte, porém, já encontra o português firmado em quase todo o litoral, depois de cruentas lutas contra franceses e índios que se aliaram para combatê-lo.

Já se tem, nesse século XVII, a consciência de um país em formação, graças ao espírito de tenacidade e de amor à terra, de seus primeiros povoadores, quase todos de origem lusitana, comungando, em alguns casos, com tribos indígenas já submetidas.

Inicia-se, então, a conquista do interior, ao mesmo tempo que se procura reagir contra os vícios e os males que saturaram o século anterior. Há, entre os colonos, a noção coletiva da fôrça espiritual e material do país em formação, e, dêsse modo, confiam no vigor de suas atitudes e na energia de seus ataques, preparados que estão para qualquer tipo de luta que possa surgir. E, com isso, demonstra-se a excelência das raízes étnicas da região nordestina.

É nesse ambiente de entusiasmo e de verdadeiro patriotismo, retemperado pela rudeza dos constantes ataques de corsários a que brasileiros e portuguêses resistiam com bravura, que surgem as Invasões Holandesas.

Essas invasões, a par dos sacrifícios e destruições que impuseram, vieram demonstrar a existência de um verdadeiro espírito de nação, galvanizando tôda aquela gente que já fizera da Colônia a sua legítima Pátria. Promoveram, pois, as invasões dos batavos, o estímulo, a energia e a vontade decidida àquele povo que despertava para outros e brilhantes ideais.

Gerando-se uma nova mentalidade, cedia-se, em desespêro e lágrimas, o litoral, depois de lutas encarniçadas, mas, em compensação, empreendia-se, embora com sacrifícios ingentes, a conquista definitiva e sistematizada do interior.

Trouxeram, assim, os batavos, a centelha que faltava, ainda, aos colonos, para incendiar-lhes na alma o sentimento de amor à nova Pátria.

Mudavam-se as famílias para o sertão ignoto, lutando contra os obstáculos naturais, depois de terem os seus lares e engenhos incendiados, mas o espírito de reação persistia e a animosidade contra o invasor avolumava-se. Os que se retiravam, como os que permaneciam em luta contra o holandês no litoral, além de ligados pelo sangue, possuíam, agora, um elo mais poderoso — o amor à terra e a solidariedade firmada no sofrimento.

Foi êsse o espírito que dominou o povoamento do interior.

Essa penetração angustiada em terras desconhecidas, realizou-se, a princípio, através do litoral, já que a Mata Atlântica e a Borborema continuavam a constituir sério obstáculo.

O litoral cearense, de pouco relêvo e de vegetação, por certo, mais pobre, proporcionou, através dos vales do Jaguaribe e do Acaraú, êsse êxodo ou essa penetração progressiva, que vem assinalar, de maneira transcendental, o povoamento do sertão cearense.

As famílias que, assim, se deslocavam, eram, na sua maioria, descendentes das que acompanharam, na sua vinda para o Brasil, a DUARTE COELHO PEREIRA, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.

A penetração foi lenta e cautelosa, tanto que, só bem mais tarde, encontraram o caminho pelo sul, entre a Borborema e a Chapada do Araripe, para atingir as regiões desconhecidas do sertão cearense.

Observando-se, atentamente, as migrações que se realizaram, nessa época, entre as costas marítimas de Pernambuco e o sertão, verifica-se que as famílias se erradicavam do litoral, por partes. Eram membros das mesmas que, como vanguardas, iam examinar o local da ocupação ou fixação. Há até dúvidas, dificilmente dirimidas, sôbre a naturalidade de certas pessoas que, assinaladas em pontos diversos do litoral e do sertão, confundem, por vêzes, o pesquisador imparcial. Além do mais, era costume da época possuírem irmãos sobrenomes diversos, muitas vêzes, tomados aos padrinhos, considerados, então, como pais. Essas migrações, ou melhor, essas tentativas de penetração no interior nordestino prolongaram-se até o último quartel do século XVIII.

POVOS PRIMITIVOS DA RIBEIRA DO ACARAÚ, ANTES DA CHEGADA DOS PRIMEIROS OCUPANTES

Várias tribos indígenas habitavam as terras férteis da *Bacia do Acaraú* ou nelas campeavam, quando ali chegaram os primeiros ocupantes, por vêzes em forma de *Bandeiras*, tangidos que vinham pelos invasores holandeses.

Entre os indígenas, os *Potiguaras*, em maior número, estendiam-se por tôda a faixa litorânea do Ceará, pertencendo, também, aos seus domínios, o vale do Acaraú.

Os *Tabajaras*, senhores das Serras, campeavam pela *Cordilheira do Ibiapaba* e demais terras circunvizinhas.

Outras tribos menores, *Tapuias* e *Acriús*, viviam, também, no médio Acaraú.

Era êsse o aspecto da Ribeira, quando ali chegaram as primeiras *Bandeiras*, submetendo algumas tribos e perseguindo ou destruindo outras.

Declara o saudoso e eminente jornalista que foi JOÃO BRÍGIDO, terem vindo as primeiras migrações, para a *Ribeira do Acaraú*, através do litoral. Essas *Bandeiras*, diz ainda êle, datam dos meados do século XVII.

Contudo, havia muito de aventura, nessas *Entradas* que se aprofundavam mais para o interior. Procuravam-se, através delas, *campos* para a criação de gado ou buscavam-se *minas* de que muito se falava na época. A fixação ao solo vem posteriormente.

Convém ressaltar, porém, o espírito de moral e de religiosidade que presidia às ações e normas de vida de tôda essa gente que procurava ocupar lenta e cautelosamente as novas terras.

É Mons. FORTUNATO ALVES LINHARES que robora essa opinião, ao referir-se ao assunto, quando diz que "as gentes que aqui aportavam já pela via marítima, já pelas *Bandeiras*, eram quase tôdas portuguêsas ou nascidas nas capitanias vizinhas, trazendo consigo suas artes, suas indústrias, seus conhecimentos técnicos, sua organização social, religiosa e política, guardando grande respeito à moral e às autoridades civis e eclesiásticas. É justo, porém, afirmar que o sacerdote católico influiu poderosamente para a formação da nossa sociedade, edificando igrejas ou capelas pelo largo do sertão, em geral às margens do rio..."

"A raça branca, continua Mons. LINHARES, vem-se conservando, sem grande mestiçagem, desde os tempos coloniais, cuja procedência vem quase exclusivamente dos primeiros portuguêses que aqui chegaram. A raça negra pouca influência teve na formação étnica de nosso povo." (Cfr.: "Notas Históricas da Cidade de Sobral", pg. 61).

A raça indígena, contudo, teve participação um pouco mais acentuada, na formação étnica do cearense. Reagindo contra a presença do branco que queria expulsá-las das terras ou submetê-las à escravidão, as tribos indígenas retardaram o povoamento da *Ribeira do Acaraú*.

Segundo ROCHA POMBO, "a capitania subalterna do Ceará se viu abandonada, e ainda, na penúria de recursos, até fins do século XVII, tendo os respectivos capitães-mores, limitado as suas atividades a fazer guerra ao gentio e a conquistar-lhe, pouco a pouco, efetivamente, as paragens do interior. Durante todo o domínio holandês, não se saíra, por assim dizer, do litoral." (Cfr.: "História do Brasil", V. I, pg. 496).

AS SESMARIAS — OS PRIMEIROS SESMEIROS

A 8 de novembro de 1682, o Capitão-mor, BENTO DE MACEDO FARIAS concedeu ao Capitão BENTO DA SILVA, a JORGE COELHO DE SOUSA e a outros, naturais de Pernambuco, *várias sesmarias* pelo litoral do Ceará.

Aos 23 de setembro de 1683, o referido Capitão-mor BENTO DE MACEDO FARIAS concedeu a MANUEL DE GÓIS e a mais seis companheiros, todos de Pernambuco, uma *data de sesmaria* de três léguas de terras para cada um, pelo rio Acaraú, ou sejam vinte e uma léguas que, do litoral, vinham atingir a atual cidade de Sobral.

Êsses sete sesmeiros aliados a outras pessoas conduziram, através de duzentas léguas, rebanhos de gado, para as suas terras, tendo de lutar contra indígenas e outros obstáculos que se lhes deparassem.

Em 1690, é FÉLIX DA CUNHA LINHARES, tronco de numerosa família da *Ribeira,* que se estabelece com residência, no lugar a que denominou S. José, e onde, muito mais tarde, em 1718, construiu a capela de Nossa Senhora da Conceição, a três léguas de *Caiçara,* hoje *Sobral.*

MANUEL MADEIRA DE MATOS (1) sogro de JOSÉ DA

(1) Segundo a tradição, MANUEL MADEIRA DE MATOS, natural de Coimbra, seria JOSÉ POLICARPO DE AZEVEDO TÁVORA, filho do

PÁSCHOA LORETO (2), o primeiro dêsse nome, vem, em seguida, fixar residência, nas imediações de *Caiçara*, e acrescenta ao patrimônio da Capela, entre outras doações, uma légua de terra em quadra, desmembrada das sesmarias que possuía.

Êsse MANUEL MADEIRA DE MATOS foi trisavô de MANUEL XIMENES DE ARAGÃO, que escreveu "Memórias", republicada na "Revista do Instituto do Ceará", em 1913. Nascido a 7 de outubro de 1807, em Sobral, era MANUEL XIMENES DE ARAGÃO, neto de outro com o mesmo nome, irmão de TOMÉ XIMENES DA MADEIRA, tetravô do autor desta monografia.

Nas terras que pertenceram a MANUEL MADEIRA DE MATOS e sua mulher, FRANCISCA DE ALBUQUERQUE MELO, nasceu, também, o seu trineto, Padre GONÇALO INÁCIO DE LOIOLA ALBUQUERQUE MELO, mais conhecido por PADRE MOROBÓ, e que foi fuzilado, em Fortaleza, a 30 de abril de 1825, como uma das vítimas da "República do Equador".

Outro sesmeiro que chega à *Ribeira* no começo do século XVIII, é MANUEL VAZ CARRASCO, figurando, também, como um dos que fizeram doação ao patrimônio da Capela de N. S. da Conceição.

MANUEL VAZ CARRASCO foi sexto avô do autor desta monografia, assim pelo lado materno, como pelo paterno.

Marquês de Távora, que escapara às perseguições do Marquês de Pombal, trocando de nome e fugindo para o Brasil.

(2) JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO, que casou, em 1762, com Dona JOSEFA MADEIRA (filha de MANUEL MADEIRA DE MATOS) era filho de GREGÓRIO DIAS DA SILVA e de Dona ANTÔNIA PEREIRA DO NASCIMENTO.

Mais conhecido como "Pai das Sete Irmãs" — MARIA, SEBASTIANA, MARIA MADALENA, INÊS, ROSA, ANA MARIA e BRITES —, MANUEL VAZ CARRASCO de quem descendem várias famílias, em diversas cidades da *Ribeira*, era bisneto de SEBASTIÃO VAZ CARRASCO, homem nobre, e de D. MARIA DA ROCHA; neto de MANUEL VAZ VIZEU, comendador da Ordem de S. Bartolomeu e Cavalheiro de Cristo, e de sua mulher D. MARIA DA ROCHA (a nova); e, finalmente, filho de D. BRITES DE VASCONCELOS (trineta do holandês ARNAUD DE HOLANDA) e de FRANCISCO VAZ CARRASCO, Capitão da Ordenança em Ipojuca, por patente de 23 de agôsto de 1666, o qual, depois de enviuvar, foi clérigo.

Além dêsses pioneiros, fixam-se, posteriormente à *Ribeira*, JERÔNIMO MACHADO FREIRE, Capitão-mor JOSÉ DE XEREZ FURNA UCHOA, ANTÔNIO ALVES LINHARES, JOSÉ DE ARAUJO COSTA, INÁCIO GOMES PARENTE, GONÇALO FERREIRA DA PONTE e, em seguida, os FROTAS, os COELHOS, os RODRIGUES LIMAS, os HOLANDAS CAVALCANTIS, os VIRIATOS MEDEIROS, os FIGUEIRAS DE MELO, os AGUIARES, os FERREIRAS GOMES, os SABÓIAS, os PAULAS PESSOAS, os MENDES VASCONCELOS, os RODRIGUES DE ALBUQUERQUE, os XIMENES DE ARAGÃO, os PÁSCHOAS, os RIBEIROS DA SILVA, os MONTES, os BANDEIRAS DE MELO, e muitos outros que adquiriram terras por *sesmarias na Bacia do Acaraú*, ou os que, unidos pelo casamento, se tornaram, também, proprietários de fazendas.

Vários membros da família HOLANDA CAVALCANTI, oriundos de Pernambuco, deslocaram-se para a *Ribeira do Acaraú*, em épocas diversas.

José Ferreira Cavalcanti, por exemplo, tendo nascido em Goiana, no ano de 1781, chegou à *Ribeira* no final do século XVIII, tendo deixado na aludida cidade, os pais — Antônio José Ribeiro, português, e Teresa de Holanda Cavalcanti —, tetravós do autor.

Antes, porém, de José Ferreira Cavalcanti (trisavô do autor), já havia fixado residência na *Ribeira do Acaraú*, a sua ascendente, D. Ana Cavalcanti de Albuquerque, que foi prima legítima de sua genitora e neta de seu bisavô Cristóvão de Holanda Cavalcanti. Casara ali mesmo na *Ribeira*, com o Comissário Geral Domingos Alves Ribeiro, português. Duas irmãs de Ana (Mariana Cavalcanti de Sá e Albuquerque e Clara de Sá Cavalcanti) casaram-se também no Ceará, com dois irmãos, respectivamente, o Coronel José Bernardo Uchoa e o Sargento-mor Inácio de Sousa Uchoa, ambos filhos do Coronel Antônio Fernandes da Piedade e de sua mulher D. Mariana de Sousa Uchoa.

Dêsse modo, a família Holanda Cavalcanti presidiu, por assim dizer, aos atos iniciais do povoamento da *Ribeira do Acaraú*, sendo, incontestàvelmente, "magna pars" de sua vida e de seu sangue, conforme se pode verificar através das páginas da "Genealogia da Família Holanda Cavalcanti", escrita pelo Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa.

SESQUICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MANUEL FERREIRA CAVALCANTI

26-II-1811 — 4-III-1901

UM DESBRAVADOR NO SERTÃO (CEARÁ — SOBRAL)

MANUEL FERREIRA CAVALCANTI — SUA VIDA. SEUS ASCENDENTES E DESCENDENTES

MANUEL FERREIRA CACALCANTI nasceu na *Vila Distinta e Real de Sobral,* situada na *Ribeira do Acaraú,* a 26 de fevereiro de 1811, e faleceu, a 7 de março de 1901, na mesma Vila, já elevada à categoria de cidade com o nome de *Sobral.* Viveu, assim, 90 anos.

Filho de fazendeiro e, possuindo muito perto de Sobral, na amena Serra do Rosário, a *Fazenda Boa Vista,* dedicou tôda a sua longa existência aos trabalhos de campo, não deixando, contudo, de passar grande parte de sua vida, em Sobral, onde nasceram e se educaram os seus quatorze filhos.

Pertencia à família HOLANDA CAVALCANTI, oriunda de Pernambuco, onde nasceu o seu genitor, sendo, em linha direta, pelo lado dos HOLANDAS, o 8.º neto do holandês ARNAUD DE HOLANDA, e, pelo lado dos CAVALCANTIS, também, o 8.º neto de "FELIPPE CAVALCANTI (1), ilustre fidalgo florentino, filho de JOÃO CAVALCANTI e de sua espôsa GENEBRA MANELLI." (Cfr.: Borges da Fonseca, "op. cit", pg. 413, v. I).

---

(1) Grafa-se com *i*, em virtude de sua origem italiana. Veja-se A. Nascentes, "Dicionário Etimológico", v. II.

O primeiro dêsses seus avoengos, "ARNAUD DE HOLANDA, natural de Utrech, que foi um dos homens nobres que acompanharam a DUARTE COELHO PEREIRA, dizem as Memórias, que dêle se conservam, que era sobrinho do Papa Adriano VI, que subiu à cadeira de S. Pedro em 9 de janeiro de 1522 e faleceu a 14 de setembro de 1523, com um ano oito meses e seis dias de Pontificado. Fôra filho de HENRIQUE DE HOLANDA, Barão de Rhenobourg, e da Princesa MARGARIDA DE FLORÊNCIA, irmã do dito Papa." (Cfr.: "Nobiliarquia Pernambucana", pg. 307, v. I).

Casou ARNAUD DE HOLANDA, em Pernambuco, com D. BRITES MENDES DE VASCONCELOS, natural de Lisboa e filha de BARTOLOMEU RODRIGUES (Camareiro-Mor do Infante D. Luís, filho do Rei D. Manuel) e de sua espôsa JOANA DE GÓIS DE VASCONCELOS. Veio D. BRITES MENDES DE VASCONCELOS, para Pernambuco, na companhia de D. BRITES D'ALBUQUERQUE, espôsa do primeiro donatário DUARTE COELHO PEREIRA, "com recomendações especiais da rainha D. Catarina, espôsa de D. João III", de modo que, pelo seu casamento com ARNAUD DE HOLANDA, recebeu "como dote muitas datas de terras, onde se levantaram muitos engenhos de fazer açúcar que ainda hoje possuem seus nobres descendentes." (Cfr.: "op. cit.", pg. 307, v. I).

D. BRITES MENDES DE VASCONCELOS faleceu em Olinda, a 19 de dezembro de 1620, com quase cem anos de idade, deixando como seu testamenteiro a seu neto, FRANCISCO DO RÊGO BARROS.

O segundo daqueles ancestrais de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI, precisamente o seu 8.º avô FELIPPE CAVALCANTI, "passou da cidade de Florença a Portugal pelo ano de 1558 e afirmam as Memórias antigas que se ausentara da pátria, por causa de uma conjuração que fêz com seus parentes HOLDO CAVALCANTI, PANDOLPHO PUCCI e outros, e que não se dando por seguro na Europa, procurara refúgio em Pernambuco, cuja povoação principiara há poucos anos."

"Nêle experimentou tal hospitalidade em JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, irmão de D. BRITES D'ALBUQUERQUE, mulher do primeiro Donatário DUARTE COELHO PEREIRA que o casou com sua filha D. CATARINA DE ALBUQUERQUE, a quem muito estimava, por ser a primeira que houve em D. MARIA DO ESPÍRITO-SANTO ARCOVERDE, filha do Principal dos Tabaires, que habitavam em Olinda, e à qual se deveu o aumento desta Capitânia."

"Sobreviveu FELIPPE CAVALCANTI alguns anos a seu sogro, JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE e, quando faleceu, deixou ainda viva sua mulher, D. CATARINA DE ALBUQUERQUE, a qual foi perfilhada por requerimento de seu pai ao Rei D. Sebastião, e faleceu com mais de 70 anos, a 4/6/1614." (Id. "ibid.", pg. 414).

É essa, pois, a origem remota de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI que, pelas suas qualidades e merecimento e, ainda, pelos serviços relevantes prestados ao país, foi nomeado por Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II, cirurgião do Corpo de Cavalria, de acôrdo com o artigo 48 da Lei n.º 602, de 19 de setembro de 1850, sendo lavrada a respectiva Carta Patente, registrada no livro 13, pg. 176, em 20 de janeiro de 1853.

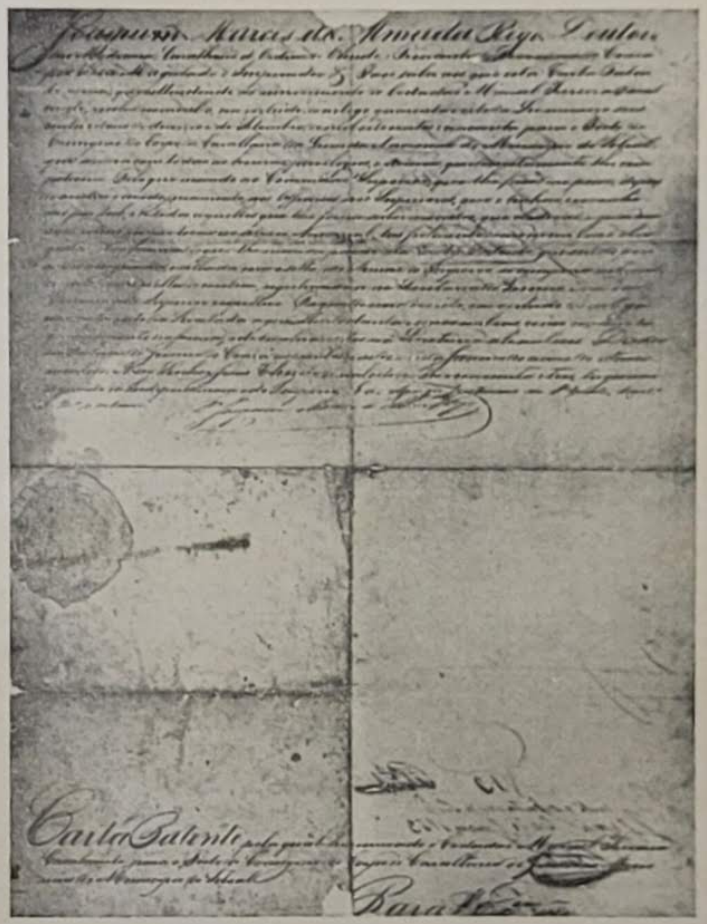
Casou-se MANUEL FERREIRA CAVALCANTI com ROSA MARIA DE VITERBO, em setembro de 1830, na cidade de Sobral.

Era ela a primogênita do primeiro casamento de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, realizado, em novembro de 1809, em Sobral, com D. MARIA MAXIMIANA DA CONCEIÇÃO.

ROSA MARIA DE VITERBO nasceu, na referida cidade, a 4 de setembro de 1810, e faleceu, no mesmo local, a 8 de fevereiro de 1896.

MANUEL FERREIRA CAVALCANTI e a sua espôsa ROSA MARIA DE VITERBO foram sepultados no cemitério do Jordão.

Fac-símile da Carta Patente
de
MANUEL FERREIRA CAVALCANTI



MANUEL FERREIRA CAVALCANTI E SEUS ASCENDENTES (a)

No Brasil, os primeiros ascendentes de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI, aos quais já nos referimos, foram o casal ARNAUD DE HOLANDA e BRITES MENDES DE VASCONCELOS.

1 — ARNAUD DE HOLANDA, natural de Utrech, era filho de HENRIQUE DE HOLANDA, Barão de Rhenobourg e de sua espôsa Princesa MARGARIDA DE FLORÊNCIA, irmã do Papa Adriano VI. Casou-se com:

1 — BRITES MENDES DE VASCONCELOS, natural de Lisboa. Era filha de BARTOLOMEU RODRIGUES, camareiro-mor do Infante D. Luís, e de sua espôsa D. JOANA DE GÓIS E VASCONCELOS, dama da rainha Catarina, espôsa de D. João III. Era prima de D. BRITES DE ALBUQUERQUE, mulher de DUARTE COELHO.

Dêsse casamento nasceram os 8 seguintes filhos:

2 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA VASCONCELOS — segue;
2 — ANTÔNIO DE HOLANDA VASCONCELOS;
2 — AGUSTINHO DE HOLANDA VASCONCELOS;

(a) Convém assinalar que, para facilitar a exposição e não confundir as pessoas citadas, numeramos as sucessivas gerações.

2 — ADRIANA DE HOLANDA VASCONCELOS;
2 — ISABEL DE GÓIS;
2 — INÊS DE GÓIS;
2 — ANA DE HOLANDA;
2 — MARIA DE HOLANDA.

---

2 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA VASCONCELOS, filho primogênito de ARNAUD DE HOLANDA, viveu sempre em Olinda, onde faleceu a 2 de junho de 1614, deixando como testamenteiros a sua segunda mulher, CLARA DA COSTA, a seu cunhado MANUEL DA COSTA CALHEIROS e a seu filho BARTOLOMEU DE HOLANDA. Casou-se a primeira vez com:

2 — CATARINA DE ALBUQUERQUE, filha de FELIPPE CAVALCANTI, fidalgo florentino, e de sua mulher D. CATARINA DE ALBUQUERQUE, filha de JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE.

Dêsse casamento nasceram os 4 seguintes filhos:

3 — BARTOLOMEU DE HOLANDA CAVALCANTI;
3 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE ALBUQUERQUE — segue;
3 — FELIPPE CALVALCANTI DE ALBUQUERQUE:
3 — LUÍS CAVALCANTI (clérigo);
3 — JOÃO CAVALCANTI (frade).

---

3 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE ALBUQUERQUE, filho de CRISTÓVÃO DE HOLANDA VASCONCELOS e de sua espôsa

CATARINA DE ALBUQUERQUE, nasceu em Olinda, donde se retirou, por ocasião da invasão holandesa, para a freguesia de S. Lourenço da Muribara. Prestou relevantes serviços à Colônia e, por isso, à Pátria. Foi Vereador da Câmara de Olinda, no ano de 1651, e, no ano de 1658, a 27 de junho, ratificou, em livro novo, o têrmo de Irmão da Misericórdia de Olinda. Casou-se com:

3 — CATARINA DA COSTA, que foi filha de MANUEL DA COSTA CALHEIROS e de sua mulher CATARINA RODRIGUES.

Dêsse casamento nasceram os 7 seguines filhos:

4 — JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE — segue;
4 — FELIPPE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE;
4 — FRANCISCO CAVALCANTI:
4 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA ALBUQUERQUE;
4 — D. JOANA CAVALCANTI;
4 — D. LEONARDA CAVALCANTI;
4 — D. MARIA CAVALCANTI.

---

4 — JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, filho de CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE ALBUQUERQUE e de sua espôsa CATARINA DA COSTA, era mais conhecido, em Pernambuco, pelo epíteto de BOM, em virtude de sua docilidade e benevolência.

Ocupou vários cargos honorários e, depois de eleito para Vereador da Câmara de Olinda, em 1665, foi Juiz Ordinário da referida cidade, nos anos de 1671, 1676 e

1685, tendo exercido, finalmente, neste último ano, o cargo de Provedor da Casa da Santa Misericórdia.

Serviu, na Guerra dos Holandeses, como soldado e, depois, como Alferes de Infantaria. Tomou parte ainda na batalha das Tabocas, nas duas dos Guararapes, estando sempre presente e atuante nos momentos difíceis por que passou a Colônia.

Tendo combatido durante a Guerra da Restauração, na qual foi ferido duas vêzes, alcançou o pôsto de Capitão da Ordenança da freguesia de São Lourenço da Muribara, onde era senhor do engenho do Camorim. Mais tarde, em 1674, foi promovido ao pôsto de Sargento-mor, e, finalmente, por Patente Real, de 29 de novembro de 1675, recebeu o pôsto de Capitão-mor da aludida freguesia, onde faleceu em 1690.

Casou-se a primeira vez com:

4 — BERNARDA D'ALBUQUERQUE que, nascendo em Serinhaem, foi filha de JORGE TEIXEIRA D'ALBUQUERQUE e de sua mulher D. ROSA.

Dêsse casamento nasceu o seguinte filho:

5 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI que foi senhor do Engenho da Tôrre, na freguesia da Várzea de Capibaribe (permutado, mais tarde, pelo engenho dos Morenos pertencente, até então, a ANTÔNIO RODRIGUES CAMPELO), nasceu na freguesia de Serinhaem, no tempo dos holandeses, tendo sido, depois da expulsão dêstes, Sargento-mor por Patente do Governador AYRES DE SOUSA DE CASTRO, lavrada a 29 de abril de 1678. Foi Vereador da Câmara de Olinda, nos anos de 1682 e 1696 e ainda se achava vivo no ano de 1715. Casou-se com:

5 — ANA FREIRE DE AZEVEDO, natural da freguesia da Muribeca, filha de DOMINGOS GONÇALVES FREIRE, português, e de sua mulher D. ANA DE AZEVEDO. O seu pai, DOMINGOS GONÇALVES FREIRE, chegou a Pernambuco como Sargento, e combateu, durante tôda a ocupação, contra os holandeses, tendo sido, depois da expulsão dêstes, provido no pôsto de Sargento-mor da Comarca de Muribeca.

Do casamento de CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI com D. ANA FREIRE DE AZEVEDO nasceram os 7 seguintes filhos:

6 — DOMINGOS GONÇALVES FREIRE;

6 — ANTÔNIO DE HOLANDA CAVALCANTI, clérigo presbítero na Capitania do Ceará, onde faleceu;

6 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI;

6 — SEBASTIÃO DE HOLANDA CAVALCANTI;

6 — ISABEL DE HOLANDA CAVALCANTI — segue;

6 — BERNARDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, casada com o Capitão FERNÃO CARVALHO DE SÁ E ALBUQUERQUE, filho do Capitão DIOGO CARVALHO DE SÁ e de sua mulher D. LEONOR DA CUNHA PEREIRA.

6 — ANA CAVALCANTI, casada em segundas núpcias, no Ceará, com o Sargento-mor MANUEL RIBEIRO PESSOA, natural do Reino e falecido em 1770.

---

6 — ISABEL DE HOLANDA CAVALCANTI, filha, como já vimos, de CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI e de sua espôsa D. ANA FREIRE DE AZEVEDO, casou-se com:

6 — DIOGO CARVALHO DE SÁ, filho do Capitão DIOGO CARVALHO DE SÁ e de sua espôsa D. LEONOR DA CUNHA PEREIRA.

Dêsse casamento nasceram os 4 seguintes filhos:

7 — ANTÔNIO DE HOLANDA CAVALCANTI;

7 — CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI;

7 — TERESA DE HOLANDA CAVALCANTI — segue;

7 — LOURENÇA DE HOLANDA CAVALCANTI.

---

7 — TERESA DE HOLANDA CAVALCANTI, filha de DIOGO CARVALHO DE SÁ e de sua espôsa ISABEL DE HOLANDA CAVALCANTI, casou-se em Goiana, em 1781, com:

7 — ANTÔNIO JOSÉ RIBEIRO, natural de Portugal.

Dêsse matrimônio, entre outros filhos, nasceu, em 1781, na cidade de Goiana:

8 — JOSÉ FERREIRA CAVALCANTI que, transferindo-se para a *Ribeira do Acaraú*, se casou, em 1808, com:

8 — ANA GOMES DE ALBUQUERQUE, nascida em Sobral em 1788, filha de JOSÉ DE FARIAS SOUSA, natural de S. Paulo, e de sua espôsa MARIANA GOMES DE ALBUQUERQUE.

Do casamento de JOSÉ FERREIRA CAVALCANTI com ANA GOMES DE ALBUQUERQUE, realizado em Sobral em 1808, nasceram, entre outros filhos, os dois seguintes:

9 — MANUEL FERREIRA CAVALCANTI que, nascendo em Sobral, a 26 de fevereiro de 1811, foi o proprietário da *Fazenda Boa Vista*, na Serra do Rosário. (Veja-se adiante).

9 — VICENTE FERREIRA CAVALCANTI que, nascendo em Sobral, a 11 de fevereiro de 1815, se casou, a 27 de outubro de 1848, com ANTÔNIA MARIA DO NASCIMENTO, nascida na mesma cidade, a 25 de dezembro de 1831. Foi o proprietário da *Fazenda Contendas*, no município de Palma, nas abas da Serra do Rosário. Êle faleceu, a 14 de setembro de 1899, e ela, a 28 de outubro de 1900. A *Fazenda Contendas* pertence, atualmente, a seu neto JOÃO CAVALCANTI, alto funcionário da União, residente no Rio de Janeiro.

---

9 — MANUEL FERREIRA CAVALCANTI, filho de JOSÉ FERREIRA CAVALCANTI e de sua espôsa ANA GOMES DE ALBUQUERQUE, casou-se, em setembro de 1830, na cidade de Sobral, com:

9 — ROSA MARIA DE VITERBO XIMENES DE ARAGÃO, filha de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO e de sua espôsa D. MARIA MAXIMIANA DA CONCEIÇÃO.

Dêsse casamento nasceram 14 filhos de que falaremos, quando citarmos os descendentes de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI.

ROSA MARIA DE VITERBO XIMENES DE ARAGÃO — SEUS ASCENDENTES E COLATERAIS

Rosa Maria de Viterbo Ximenes de Aragão, bisavó do autor e filha primogênita (do primeiro casamento de seu pai) de Anacleto Francisco Ximenes de Aragão e de sua espôsa Maria Maximiana da Conceição, foi, como seu espôso, a 8.ª neta, em linha direta, do holandês Arnaud de Holanda e de sua mulher Brites Mendes de Vasconcelos, natural de Lisboa.

1 — Arnaud de Holanda casou-se com:
1 — Brites Mendes de Vasconcelos.

Dêsse matrimônio nasceram vários filhos, conforme já vimos, e, entre êles, o seguinte:

2 — AGUSTINHO DE HOLANDA, 3.º e último filho varão do casal, viveu e faleceu na freguesia do Cabo de Sto. Agustinho, onde, em 1601, ainda se achava. Casou-se com:

2 — Maria de Paiva, filha única do 1.º matrimônio de Baltazar Leitão Cabral, cavalheiro de Cristo, descendente de uma das principais famílias de Évora, com sua mulher Inês Fernandes de Góis.

Do casamento de AGUSTINHO DE HOLANDA com D. MARIA DE PAIVA nasceram sete filhos e, entre êles, o seguinte:

3 — BALTAZAR LEITÃO DE HOLANDA, filho primogênito do casal, alcançou posição de relêvo na guerra contra os holandeses, onde lutou juntamente com o seu filho primogênito, BALTAZAR LEITÃO DE VASCONCELOS, Capitão de Infantaria por patente de 3 de março de 1636.

BALTAZAR LEITÃO DE HOLANDA foi casado com:

3 — FRANCISCA DOS SANTOS FRANÇA, filha de GASPAR FERNANDES FRANÇA e irmã do Capitão JOSÉ DE FRANÇA.

Dêsse matrimônio nasceram 14 filhos e, entre êles, a que segue:

4 — MARIA DE GÓIS que se casou em segundas núpcias com:

4 — GASPAR DA COSTA COELHO, Capitão de Infantaria na Guerra Holandesa, fidalgo cavalheiro da Casa Real e cavalheiro da Ordem de Cristo. O casal, posteriormente, retirou-se para a Bahia, onde viveu e faleceu.

Dêsse casamento nasceram 4 filhos e entre êles, a seguinte:

5 — BRITES DE VASCONCELOS que se casou com:

5 — FRANCISCO VAZ CARRASCO, a quem já nos referimos. Foi Capitão da Ordenança em Ipojuca, por patente de 23 de agôsto de 1666, e, depois de enviuvar, foi clérigo.

Dêsse casamento nasceram os 6 seguintes filhos:

6 — MANUEL VAZ CARRASCO — segue;

6 — FRANCISCO VAZ CARRASCO;

6 — ANTÔNIO VAZ CARRASCO;

6 — MARIA DE GÓIS;

6 — MARIA MADALENA; e

6 — EUGÊNIA VAZ que não casou e faleceu em Goiana no ano de 1724, conforme consta de seu testamento que se acha, no Cartório do Resíduo Eclesiástico de Olinda, e em que se declara o nome de seus pais e de todos os seus irmãos.

---

6 — MANUEL VAZ CARRASCO, 6.º avô do autor desta monografia e mais conhecido pelo "Pai das Sete Irmãs", era filho, como já se viu, de FRANCISCO VAZ CARRASCO e de sua espôsa D. BRITES DE VASCONCELOS. Casou-se duas vêzes: a primeira com D. LUÍZA DE SOUSA, filha de SEBASTIÃO LEITÃO DE VASCONCELOS e de sua espôsa D. INÊS DE SOUSA, moradores em Goiana; e a segunda com D. MARIA MADALENA DE SÁ E OLIVEIRA, viúva de FRANCISCO BEZERRA DE MENEZES e filha de NICÁCIO DE AGUIAR DE OLIVEIRA e de sua espôsa D. MARIA MADALENA DE SÁ. Foram habitar na *Ribeira do Acaraú*.

Do primeiro matrimônio nasceram os três filhos seguintes:

7 — MANUEL VAZ DA SILVA;

7 — MARIA DE GÓIS que se casou com NICÁCIO DE AGUIAR OLIVEIRA, filho de outro com o mesmo nome e de sua mulher MADALENA DE SÁ;

7 — SEBASTIANA DE VASCONCELOS — segue.

Do segundo matrimônio de MANUEL VAZ CARRASCO nasceram os seis filhos seguintes:

7 — NICÁCIO DE AGUIAR DE OLIVEIRA que se casou, na freguesia de Granja (Ceará), com D. MICAELA DA SILVA, filha de TOMÁS DA SILVA PÔRTO, natural do Pôrto, e de sua mulher NICÁCIA ALVES PÔRTO, provindo daí a família Pôrto.

7 — MARIA MADALENA DE SÁ E OLIVEIRA que se casou, na *Ribeira do Acaraú*, com o Coronel FRANCISCO FERREIRA DA PONTE. Dêste casal provém a família FERREIRA DA PONTE.

7 — INÊS MADEIRA DE VASCONCELOS que se casou duas vêzes: a primeira, com o Capitão LUÍS GONÇALVES DE MATOS, natural de Recife, não tendo havido sucessão; a segunda, com o Sargento-mor ANTÔNIO ALVES LINHARES, natural do Rio Grande do Norte e descendente de nobilíssima família portuguêsa.

7 — ROSA DE SÁ E OLIVEIRA casou-se com o seu parente Capitão-mor JOSÉ DE XEREZ FURNA UCHOA, autor da "Genealogia da Família Holanda Cavalcanti", o qual, residindo na *Ribeira do Acaraú*, serviu, muitas vêzes, de Juiz Ordinário. D. ANA AMÉRICA UCHOA, oitava e última filha dêste casal, casou-se com o Capitão MANUEL JOSÉ DO MONTE, irmão do Padre JOSÉ FERREIRA DA COSTA que faleceu em 1763.

7 — BRITES DE VASCONCELOS casou-se, em 31 de julho de 1747, com o Capitão-mor JOSÉ DE ARAÚJO COSTA, natural de Portugal e residente na *Ribeira do Acaraú*.

7 — ANA MARIA DE VASCONCELOS casou-se com MIGUEL DO PRADO LEÃO, natural de Goiana, havendo do matrimônio quatro filhos que moravam em Granja (Ceará).

---

7 — SEBASTIANA DE VASCONCELOS, filha do primeiro matrimônio de MANUEL VAZ CARRASCO, era natural de Goiana, onde se casou com:

7 — JOÃO DIAS GALEGOS que foi, durante muitos anos, Ermitão, casando, depois, sob o nome de JOÃO SOLEDADE; era filho de DOMINGOS DE S. THIAGO MONTENEGRO e de sua espôsa D. LOURENÇA DE AGUIAR. JOÃO DIAS GALEGOS era irmão de JOSÉ XIMENES, Alferes de Infantaria no Regimento da Praça do Recife.

Do casamento de JOÃO DIAS GALEGOS com SEBASTIANA DE VASCONCELOS nasceram os 5 seguintes filhos:

8 — TOMÉ XIMENES DA MADEIRA — segue.

8 — MANUEL XIMENES DE ARAGÃO casou-se, na *Ribeira do Acaraú*, com D. ANTÔNIA MARIA DA PÁSCHOA, filha de JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO (o 1.º dêsse nome) e de sua espôsa JOSEFA MADEIRA (filha de MANUEL MADEIRA DE MATOS).

MANUEL XIMENES DE ARAGÃO e sua espôsa ANTÔNIA MARIA DA PÁSCHOA foram os pais de JOSÉ FRANCISCO DE ARAGÃO, nascido em Sobral, a 12 de dezembro de 1781. Êste e sua prima legítima RAYMUNDA FRANCISCA, neta de MANUEL MADEIRA DE MATOS, consorciando-se, tiveram MANUEL XIMENES DE ARAGÃO, a 7 de outubro de 1807, em Sobral. Neto do outro do mesmo nome, MANUEL XIMENES DE ARAGÃO foi autor de "Memórias", republicado em 1913 na Revista do Instituto do Ceará.

8 — JOAQUIM XIMENES DE VASCONCELOS;

8 — D. RITA MARIA MONTELASA da Ordem 3.ª de N. S. do Monte do Carmo;

8 — JOANA MARIA DE JESUS casou-se em Goiana, com JOSÉ MARQUES.

---

8 — TOMÉ XIMENES DA MADEIRA, tetravô do autor desta monografia, morava em Araripe, no sopé da chapada do mesmo nome, ao sul do Estado do Ceará. Era pernambucano como o seu irmão, MANUEL XIMENES DE ARAGÃO, e casou-se com:

8 — MARGARIDA NUNES BARBOSA, filha de CIPRIANO BARBOSA.

Dêsse casamento de TOMÉ XIMENES DA MADEIRA com MARGARIDA NUNES BARBOSA nasceram os 6 seguintes filhos:

9 — JOÃO;

9 — ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO que segue;

9 — SEBASTIANA;

9 — MARIA;

9 — JOSEFA;

9 — ANTÔNIA.

---

9 — ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, trisavô do autor, proprietário e abastado fazendeiro que foi, na *Ribeira do Acaraú*, tendo contraído três matrimônios em Sobral, respectivamente, em 1809, 1815 e 1826, que lhe deram 12 filhos, possui, hoje, numerosíssima descendência, parte da qual já se acha discriminada, na preciosa monografia do acadêmico e escritor MÁRIO LINHARES, intitulada "Os Quixadás", descendentes que são do seu terceiro matrimônio. Casou-se a primeira vez com a trisavó materna do autor:

9 — D. MARIA MAXIMIANA DA CONCEIÇÃO.

Dêsse casamento realizado em 1809, nasceram os 4 seguintes filhos:

10 — ROSA MARIA DE VITERBO, bisavó materna do autor, nasceu a 4 de setembro de 1810, em Sobral — segue.

10 — INOCÊNCIA XIMENES DE ARAGÃO casou-se com ALEXANDRE BERNARDINO, em Sobral, havendo do consórcio vários filhos.

10 — CAROLINA CAVALCANTI DE ARAGÃO casou-se com JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO (o 2.º dêste nome), em Sobral, havendo do consórcio os seguintes filhos: a) JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO casado com a sua prima legítima FRANCISCA CAVALCANTI; b) MIGUEL DA PÁSCHOA LORETO casado com a sua prima legítima MARIA DAS MERCÊS CAVALCANTI; c) ANA DA PÁSCHOA casada com o seu primo legítimo ANTÔNIO NICOLAU FERREIRA CAVALCANTE; d) MARIA MAXIMIANA DA PÁSCHOA, religiosa; e) TERESA DA PÁSCHOA casada com JOÃO RICARDO; f) ANTÔNIO XIMENES casado com TERESA FERREIRA CAVALCANTI; g) JOAQUIM XIMENES casado com RITA XIMENES.

10 — TOMÉ XIMENES DE ARAGÃO casou-se com MARIA XIMENES, havendo do consórcio 5 filhos.

O segundo matrimônio de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, realizado em 1815, foi com:

9 — D. ANA FURTADO DE MENDONÇA, trisavó paterna do autor.

Dêsse casamento nasceram os 5 seguintes filhos:

10 — JOSÉ CIRÍACO FURTADO DE ARAGÃO, casado em primeira núpcias com Sinhá Cândida, e em segundas, com Ana Maria da Conceição Lopes. Do 1.º consórcio nasceram cinco filhos e do 2.º, nove.

10 — ROBERTO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, bisavô paterno do autor, casou-se duas vêzes.

Do 1.º matrimônio, realizado em Sobral, com DELFINA PRADO, nasceram seis filhos: a) MIGUEL XIMENES PRADO casado com FRANCISCA ARAGÃO; b) ROSALINA XIMENES PRADO, casada; c) MARIA XIMENES PRADO casada com ANTÔNIO ALVES; d) JOAQUINA XIMENES PRADO casada com FRANCISCO BARROS; e) ANTÔNIA XIMENES PRADO casada com VICENTE FERREIRA CAVALCANTI; f) TERESA XIMENES casada com ROSALINO XIMENES DE ARAGÃO.

Do 2.º matrimônio, realizado com:

ANA BENVINDA DE MEDEIROS DE ARAGÃO, bisavó paterna do autor, nasceram os seis filhos seguintes:

11 — CIPRIANO XIMENES DE ARAGÃO casado com MARIA DE JESUS, irmã do Padre FIDELIS SANTOS;

11 — GREGÓRIO XIMENES DE ARAGÃO, avô paterno do autor (segue);

11 — JOÃO XIMENES casado com CONSTÂNCIA DE CARVALHO;

11 — ROBERTO XIMENES casado com TERESA PONTE;

11 — CAMILO XIMENES casado com MARIA XIMENES DE ARAGÃO. Moravam na Fazenda Santa Rosa, a seis quilômetros de Sobral e pertencente ao avô do autor, GREGÓRIO XIMENES DE ARAGÃO.

11 — FRANCISCA XIMENES casada com JOSÉ XIMENES.

10 — FRANCISCO DAS CHAGAS ARAGÃO casado com MARIA FEIJÓ. Dêsse casamento nasceram três filhos.

10 — ROSALINO XIMENES DE ARAGÃO casado com TERESA ROBERTO XIMENES DE ARAGÃO. Dêsse casamento nasceram oito filhos.

10 — MARIA MEDEIROS MENDONÇA ARAGÃO casou-se em Santana.

O terceiro matrimônio de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO realizou-se com:

JUSTA BENVINDA MARIA DA GLÓRIA.

Dêsse casamento nasceram os 3 filhos seguintes:

10 — MANUEL CORNÉLIO XIMENES DE ARAGÃO que, tendo nascido a 16/9/1835, e falecido a 9/8/1907, se casou com D. FRANCISCA SABÓIA DE ARAGÃO, a 15/5/1858.

Dêsse consórcio surgiu uma progênie ilustre posta em relêvo nas páginas do opúsculo "Os Quixadás" a que já nos referimos.

Entre os membros dessa brilhante e laboriosa progênie, desejamos focalizar a figura do ilustre e honrado magistrado, Dr. ACÁCIO ARAGÃO DE SOUSA PINTO (filho de AMÁLIA ARAGÃO e de seu espôso, o cidadão português GUILHERMINO AUGUSTO DE SOUSA PINTO, e bisneto de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO), o qual, dotado de preciosa cultura e invejável inteligência, encaminhou o autor nos primeiros passos desta pesquisa genealógica que se concretizou nesta modesta "Memória".

10 — RAIMUNDO XIMENES DE ARAGÃO que, falecido solteiro na Guerra do Paraguai, não deixou sucessão.

10 — MARIA MADALENA XIMENES DE ARAGÃO que, casando-se, em 1854, com o Major ANTÔNIO FRANCISCO DE PAULA QUIXADÁ, deixou numerosa prole evidenciada pelas suas atividades e conquistas relevantes, no alto comércio, principalmente no do Rio de Janeiro. (Veja-se "Os Quixadás", de MÁRIO LINHARES).

---

11 — GREGÓRIO XIMENES DE ARAGÃO — avô paterno do autor e filho do 2.º casamento de ROBERTO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, realizado com ANA BENVINDA DE MEDEIROS DE ARAGÃO — nasceu em Sobral, a 9 de maio de 1848 e faleceu, na mesma cidade a 29 de junho de 1924.

Proprietário da Fazenda Santa Rosa, a 6 quilômetros de Sobral, e de três outras na Serra da Meruoca (a dos Algodões, a das Picadas e a Formosa) dedicou a sua vida, inteiramente, aos trabalhos agropecuários. Foi fazendeiro no significado mais lato do têrmo. Amou a terra e fecundou-a ardorosamente, durante tôda a sua longa existência.

Tivemos, na nossa puerícia, a ventura de vê-lo, já envelhecido pela rudeza das lides agrestes. Enérgico, ativo e impetuoso, andava sempre a cavalo a percorrer os recantos de suas imensas e adoráveis Fazendas. Produziam, além do gado, todos os gêneros alimentícios que eram levados à Feira de Sobral, em grandes comboios (bêstas de carga). Recordamo-nos, através de uma perspectiva longínqua e pálida, de tôdas essas cenas e, ainda mais, do casarão da Fazenda Santa Rosa, do Açude

Gregório, dos currais, das galinhas d'angola pousadas no alto das árvores, esquivas e ágeis, caçadas, exclusivamente, a tiro.

O nosso avô, pela sua energia e decisão, parece-nos refletia, segundo narram tradições, o espírito vigoroso de seu avô, ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, também exímio cavaleiro, dispensando às atividades eqüestres grande atenção, assim aos cavalos de montaria, como aos arreios cujas peças metálicas eram de prata.

Contraiu GREGÓRIO XIMENES DE ARAGÃO dois casamentos, o primeiro dos quais, em 1873, e o segundo, em 1898.

Do primeiro matrimônio realizado com MARIA DOS ANJOS XIMENES DE CARVALHO, avó paterna do autor, nasceram, no município de Sobral, os oito filhos seguintes:

12 — DOROTEU XIMENES DE ARAGÃO (ver continuação nos descendentes de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI).

12 — POMPÍLIO XIMENES DE ARAGÃO, fazendeiro e casado com ANA, no município de Sobral. Teve vários filhos.

12 — MARIA XIMENES DE ARAGÃO, casada com TOMÁS. Não houve sucessão.

12 — ROBERTO XIMENES DE ARAGÃO, fazendeiro e casado com PETRONILHA. Nasceram vários filhos.

12 — JOANA XIMENES DE ARAGÃO casada com ARMÊNIO. O casal teve dois filhos.

12 — FRANCISCA (SINHÁ) casada com RICARDO GUIMARÃES. O casal teve três filhos.

12 — RAIMUNDA (DOCA) casou-se com EUCLIDES. Nasceram muitos filhos.

12 — JOSÉ FRANCO XIMENES DE ARAGÃO é casado com MARIA GUIMARÃES, irmã de seu cunhado Ricardo. O casal tem muitos filhos. Moram em Sobral.

Do segundo casamento de GREGÓRIO realizado com FRANCISCA DAS CHAGAS DO MONTE ARAGÃO (BRANCA), nasceram, no Município de Sobral, os cinco seguintes filhos:

12 — MARIA DE LOURDES DO MONTE ARAGÃO SOARES casada com ÁLVARO SOARES E SILVA. Moram, atualmente, em Fortaleza, embora tenham fazenda na Serra do Ibiapaba. O casal teve 12 filhos, entre os quais o Dr. VENCESLAU SOARES (médico) que casou com D. ROSENY AGUIAR SOARES, sua prima, filha de ELÍSIO FROTA AGUIAR.

12 — JOAQUINA DO MONTE ARAGÃO LIMA casada com FRANCISCO MACIEL DE LIMA. Moram no Estado da Guanabara. O casal possui três filhas — NEUSA, casada; ELSA e LÊDA, solteiras.

12 — VICENTE DO MONTE ARAGÃO casou com MIRIAN AGUIAR e moram em Ibiapina. O casal tem cinco filhos.

12 — JOSÉ DO MONTE ARAGÃO faleceu depois de casado e deixou dois filhos.

12 — ÁLCIDA faleceu solteira.

ROSA MARIA DE VITERBO XIMENES DE ARAGÃO E SEUS ASCENDENTES ATRAVÉS DA LINHA DE SEU BISAVÔ PATERNO JOÃO DIAS GALEGOS

ROSA MARIA DE VITERBO XIMENES DE ARAGÃO, espôsa de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI (ambos bisavós maternos do autor) e filha de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO e de sua mulher D. MARIA MAXIMIANA DA CONCEIÇÃO, foi, pela linha de seu bisavô paterno, JOÃO DIAS GALEGOS, o 6.º neto do "Capitão DOMINGOS DE SÃO THIAGO, espanhol, que veio a servir na Guerra dos Holandeses com o Conde Banholo, no ano de 1634, em Pernambuco." (V. Borges da Fonseca, "op. cit.", pg. 88, 1.º v.).

1 — Capitão DOMINGOS DE S. THIAGO, natural da Espanha. Casou-se com:

1 — LUZIA DE AGUIAR DE OLIVEIRA, filha de SIMÃO GONÇALVES DE TEIVE e de sua mulher LUZIA DE AGUIAR DE OLIVEIRA, naturais da Ilha de S. Miguel.

Dêsse casamento nasceu ùnicamente o filho seguinte:

2 — FELIPPE DE S. THIAGO DE OLIVEIRA, que, segundo o têrmo de Irmão da Misericórdia que assinou a 10 de agôsto de 1660, consta já ser casado com:

2 — LOURENÇA MACIEL DE ANDRADE, filha de BALTAZAR MACIEL DE ANDRADE e de sua mulher JERÔNIMA DE MESQUITA DE AZEVEDO, descendentes de FELIPPE BANDEIRA DE MELO e de sua espôsa MARIA MACIEL DE ANDRADE, fidalgos que acompanharam DUARTE COELHO, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, em 1534.

Dêsse casamento nasceram os seguintes filhos:

3 — DOMINGOS DE S. THIAGO MONTENEGRO vivia, ainda em 1704, ano em que assinou têrmo de Irmão da Misericórdia, a 8 de dezembro, firmando-se como Capitão. Consta, no referido têrmo, ser casado com D. BRITES DE ALBUQUERQUE, filha do Capitão FRANCISCO DIAS LEITE e de sua mulher D. LUZIA D'ALBUQUERQUE. Esta, por sua vez, era filha do Capitão-mor TOMÉ TEIXEIRA RIBEIRO, natural de Portugal, e de sua mulher D. BRITES DE ALBUQUERQUE, irmã de DIOGO COELHO D'ALBUQUERQUE, fidalgo cavalheiro da Casa Real e Comendador da Ordem de Cristo e, ainda, Capitão-mor e Governador da Capitania do Ceará Grande pelos anos de 1662;

3 — FELIPPE BEZERRA MONTENEGRO casado em Tejucupapo;

3 — MANUEL DE ANDRADE foi Capitão em Tejucupapo;

3 — INÊS MONTENEGRO casou-se com um de seus tios:

3 — DOMINGOS DE AGUIAR DE OLIVEIRA, filho do Capitão AMARO LOPES DA MADEIRA.

Dêsse casamento nasceram os seguintes filhos:

4 — NICÁCIO DE AGUIAR DE OLIVEIRA casado com D. MADALENA DE SÁ, filha de MANUEL DE AZEVEDO, Alferes de Infantaria, e de sua mulher MADALENA DE SÁ, irmã de SEBASTIÃO DE SÁ e filhos de DIOGO DE BARROS e de sua mulher BÁRBARA DE BARROS.

NICÁCIO DE AGUIAR DE OLIVEIRA e D. MADALENA DE SÁ, entre outros filhos, tiveram um, chamado também NICÁCIO DE AGUIAR DE OLIVEIRA, que casou com D. MARIA DE GÓIS, uma das filhas do primeiro casamento de MANUEL VAZ CARRASCO; e outra, chamada MARIA MADALENA DE SÁ E OLIVEIRA que, depois de viúva, foi a segunda espôsa de MANUEL VAZ CARRASCO.

4 — GONÇALO LOPES DA MADEIRA;

4 — DOMINGOS DE S. THIAGO MONTENEGRO casou-se com:

4 — D. LOURENÇA DE AGUIAR.

Dêsse casamento nasceram os dois filhos seguintes:

5 — JOÃO DIAS GALEGOS (segue);

5 — JOSÉ XIMENES, alferes de infantaria no Regimento da Praça de Recife.

---

5 — JOÃO DIAS GALEGOS que foi muitos anos Ermitão, casou-se, em Goiana, sob o nome de JOÃO SOLEDADE, com D. SEBASTIANA DE VASCONCELOS, uma das filhas do primeiro matrimônio de MANUEL VAZ CARRASCO e de cuja descendência já se tratou no capítulo anterior. Foram os bisavós de ROSA MARIA DE VITERBO, espôsa de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI.

MANUEL FERREIRA CAVALCANTI E SEUS DESCENDENTES

9 — MANUEL FERREIRA CAVALCANTI, espôso de ROSA MARIA DE VITERBO XIMENES DE ARAGÃO (nome quando inupta), bisavô materno do autor, nasceu em Sobral, a 26 de fevereiro de 1811.

Dêsse casamento, realizado em 1830, nasceram os seguintes filhos:

10 — ISABEL (Mãe Bilinha) — nasceu a 4 de julho de 1831, e casou-se com BELARMINO DE SOUSA VIANA falecido a 3 de janeiro de 1883. Foram bisavós do autor. Ela viveu mais de 80 anos e tivemos a ventura de conhecê-la, na nossa infância, em Sobral onde faleceu.

Dêsse consórcio, nasceram os seguintes filhos:

11 — ROSA AMÉLIA VIANA CAVALCANTI, avó materna do autor, falecida a 13 de janeiro de 1921, com 64 anos. Foi casada com o seu tio, irmão de sua genitora, FRANCISCO DODÔ FERREIRA CAVALCANTI (segue).

11 — JOSÉ LOURENÇO VIANA casado com a sua prima ROSA, filha de MARIA MAXIMIANA e MANUEL FRANCISCO DA SILVA.

Do casal nasceram 21 filhos, o mais velho dos quais é BELARMINO VIANA casado e residente em Niterói; LUÍS

VIANA, médico, casado e residente em S. Paulo, é também outro filho do casal.

11 — FRANCISCA (Chiquinha) casada com FAUSTO SILVA. Residiam em Fortaleza onde faleceram. Do casal nasceram vários filhos: ABELARDO; ARAQUÉM; CREUSA; ESTELITA; TEODORA; MARIA NORMÉLIA (casada com VALMORE CAVALCANTI); SARA (casada com GREGÓRIO FRANÇA, tendo o casal um filho oficial do Exército, de nome LIVIO SILVA DE FRANÇA); IRACEMA (casada com HIBERNON CYSNE, tendo o casal um filho oficial do Exército, de nome FAUSTO SILVA CYSNE).

11 — MARIA DE SOUSA VIANA falecida inupta e bem idosa (tia Mariquinha).

---

10 — MARIA MAXIMIANA — nasceu a 22 de outubro de 1832, e casou-se com MANUEL FRANCISCO DA SILVA, proprietário e abastado fazendeiro. *Cacimbas* era uma das propriedades rurais que possuía, perto de Sobral. Maria faleceu a 19 de setembro de 1901.

Do casal nasceram os seguintes filhos: a) JOÃO CAVALCANTI casado em Sobral; b) ANTÔNIO CAVALCANTI; c) SÉRGIO falecido ainda moço, no alpendre da Fazenda *Cacimbas*, vitimado por uma centelha elétrica; d) ROSA casada com JOSÉ LOURENÇO VIANA; e) ANA (Naninha) casada com JOSÉ LIBERATO.

10 — ANA FERREIRA CAVALCANTI — nasceu em 1834, e casou-se com o seu cunhado MANUEL FRANCISCO DA SILVA, viúvo de sua irmã MARIA MAXIMIANA.

10 — JOAQUIM FERREIRA CAVALCANTI — nasceu a 22 de outubro de 1835, e casou-se com FRANCISCA PESSOA DE

ANDRADE CAVALCANTI. Mudaram-se para Recife, onde faleceram. Do casal nasceram vários filhos, entre os quais podemos citar: a) PAULO PESSOA CAVALCANTI, jornalista; b) JOÃO PESSOA CAVALCANTI, general reformado do Exército; c) FRANCISCO PESSOA CAVALCANTI, também general reformado do Exército.

10 — FRANCISCA FERREIRA CAVALCANTI — nasceu a 22 de fevereiro de 1837 e casou-se com JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO, residentes em Sobral.

Sôbre JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO (o 3.º dêsse nome), diz Monsenhor FORTUNATO ALVES LINHARES, em seu precioso livro, "Notas Históricas da Cidade de Sobral", que "a Capela de N. S. da Saúde sôbre a Serra do Rosário, a cavaleiro do açude Jordão, que dá nome ao povoado, situada a 550 metros de altitude e de clima agradabilíssimo, foi construída, em 1896 pelo Sr. Major JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO, sendo vigário o Pe. VICENTE JORGE DE SOUSA" ("Op. cit.", p. 33).

Na realidade, ali na Serra do Rosário, possuía MANUEL FERREIRA CAVALCANTI, sôgro de JOSÉ DA PÁSCHOA LORETO, a *Fazenda Boa Vista*.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

11 — RAIMUNDO;
11 — MARÇAL;
11 — MARIA DA GRAÇA (segue);
11 — ANTÔNIA DA PÁSCHOA MADEIRA.

---

11 — MARIA DA GRAÇA PÁSCHOA BARRETO casou-se com QUARIGUAZIL BARRETO, e do casal nasceram os seguintes filhos: a) ULDARICO JÉFERSON BARRETO; b)

FLÓSCULO; c) OTACÍLIA; d) EURÍDICE; e) NOMINANDA; f) MARIMÔNIO; g) ARBOGASTO.

---

10 — ANTÔNIO NICOLAU FERREIRA CAVALCANTE — nasceu, em Sobral, a 9 de julho de 1838, e casou-se com ANA DA PÁSCHOA CAVALCANTI, sua prima legítima, residindo ambos em Camocim.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

11 — JOSÉ NICOLAU casado com EDIÇA PESSOA. Do casal nasceram os seguintes filhos: a) VITOR NICOLAU casado, residente no Rio de Janeiro e participando do alto comércio; b) MARIA; c) NOEMI; d) BOLÍVAR, já falecido.

11 — MARIA JOSÉ casada com JOÃO HORTÊNCIO; o casal não teve filhos.

11 — JOÃO NICOLAU FERREIRA CAVALCANTE casado com LUZIA PESSOA CAVALCANTE. Foi alto comerciante em Camocim. Êle já falecido; ela, atualmente, com 85 anos, mora em Fortaleza.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

12 — ALFREDO PESSOA (CAVALCANTE), viúvo, residente no Rio de Janeiro, escritor, engenheiro e alto funcionário do Estado. Tem um filho, PEDRO ARQUITAS PESSOA, engenheiro, casado, residente em S. Paulo, e com um filho: PETER SHELBY PESSOA.

12 — ARTHUR PESSOA CAVALCANTE, falecido.

12 — FERNANDO PESSOA CAVALCANTE, casado e já falecido. Deixou viúva e cinco filhos, residentes no Rio de Janeiro.

12 — MARIA ANTONIETA casada com o Dr. MILTON STUDART do alto comércio de Fortaleza. O casal tem vários filhos.

12 — ARANIZA;

12 — EDMILSON;

12 — ALBANITA;

12 — ALTAIR.

---

10 — CAROLINA — nasceu a 16 de dezembro de 1839, e casou-se com JOSÉ FLORÊNCIO XIMENES, residindo ambos no Pará.

10 — JOSÉ FERREIRA CAVALCANTI — nasceu a 5 de abril de 1842, e casou-se com CLEMENTINA DA FROTA. Faleceram ambos no Pará, no final do século.

10 — MARIA DAS MERCÊS CAVALCANTI — nasceu a 24 de setembro de 1843, e casou-se com MIGUEL DA PÁSCHOA, seu primo legítimo, que, tendo nascido em 1851, faleceu em 1940. Ela faleceu em 1927. Residiam ambos em Camocim.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

11 — AURORA, solteira. Reside no Rio de Janeiro.

11 — MANUEL DA PÁSCHOA — casou com sua prima BELARMINA CAVALCANTI, e faleceu em 1908. Do casal nasceram os seguintes filhos: a) LORETO, falecido; b) FERNANDO, solteiro; c) MARIA, casada.

11 — CAROLINA, solteira.

11 — JOSÉ DA PÁSCHOA casado com ALZIRA LOUZADA.

11 — ANTÔNIO DA PÁSCHOA.

11 — ARISTIDES, casado.

---

10 — VICENTE FERREIRA CAVALCANTI — nasceu a 12 de fevereiro de 1845, e casou-se com RITA DA FROTA. Êle faleceu no Pará, no fim do século.

10 — MARIA DA PENHA CAVALCANTI ROLIM — nasceu em Sobral, a 28 de junho de 1847, e casou-se com ROLIM PINTO BRANDÃO, falecido a 6 de novembro de 1888, em Sobral. Êle era irmão do Pe. SALVIANO PINTO BRANDÃO.

Do casal nasceram, entre outros, a seguinte filha:

11 — ÁGUEDA BRANDÃO DUARTE casada com BENTO RIBEIRO DUARTE, em 1897. Do casal nasceram vários filhos, entre os quais:

12 — ANTÔNIO RIBEIRO DUARTE, funcionário público, residente no Rio e casado com LAURINDA CARDOSO, natural de Portugal. Do casal nasceu a seguinte filha: THERESINHA, casada e residente no Rio.

---

10 — MIGUEL FERREIRA CAVALCANTI — nasceu, em Sobral a 6 de janeiro de 1850, e casou-se com AMÉLIA OLINDINA FERREIRA DA COSTA. Em 1877, mudaram-se para S. Pedro de Itabapoama, no Estado do Espírito Santo, onde êle faleceu, a 16 de março de 1896.

10 — FRANCISCO DODÓ FERREIRA CAVALCANTI — nasceu em Sobral, a 18 de agôsto de 1852, e casou-se, na mesma cidade, com a sobrinha, ROSA AMÉLIA VIANA CAVALCANTI, filha de sua irmã primogênita, ISABEL ESMERINA CAVALCANTI casada com BELARMINO DE SOUSA VIANA. O casal residiu, também, em Baturité (Ceará) e em Fortaleza. ROSA AMÉLIA faleceu nesta última cidade, a 13 de janeiro de 1921, com 64 anos de idade,

e DODÔ, em S. Luís (Maranhão), a 26 de agôsto do mesmo ano, com 69 anos. Foram os avós maternos do autor desta monografia.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

11 — BELARMINA CAVALCANTI casada com o seu primo MANUEL DA PÁSCHOA de quem já nos ocupamos. Ambos falecidos.

11 — MARIA OLÍMPIA CAVALCANTI DE ARAGÃO casada com DOROTEU XIMENES DE ARAGÃO. Ela faleceu em 1923, em Fortaleza, com 39 anos, e êle, em agôsto de 1953, com 79 anos de idade, na cidade de Sobral (segue).

11 — VALMORE CAVALCANTI casado com sua prima MARIA NORMÉLIA. Êle faleceu em Sobral, em 1925, e ela reside, atualmente em Fortaleza. Do casal nasceu uma filha, CLEIDE casada com o tenente EPITÁCIO KLEBER FRANCO.

11 — TEODORICO FERREIRA CAVALCANTI casado com FRANCISCA. O casal já é falecido e sem sucessão.

11 — CECY CAVALCANTI — inupta e residente no Rio.

11 — ISABEL ISA CAVALCANTI LOPES casada com ALMIR ARMANDO LOPES, falecido a 18 de novembro de 1959. Do casal não houve sucessão. Ela reside no Rio de Janeiro.

11 — JOSÉ LOURENÇO CAVALCANTI casado com ISA DE CASTRO. Êle faleceu em 1924.

Do casal houve a seguinte filha:

12 — MARIA JOSÉ CAVALCANTI BARROS LEAL casada com MOACIR BARROS LEAL, comerciante e residente em Fortaleza. Do casal nasceram os seguintes filhos: a) FRANCISCO ROBERTO; b) FRANCISCO MOACIR; c) FRAN-

CISCO LUCIANO; d) FRANCISCO DE ASSIS; e) FRANCISCO EDUARDO; f) MARIA TERESA.

---

11 — MARIA OLÍMPIA CAVALCANTI DE ARAGÃO e DOROTEU XIMENES DE ARAGÃO, consorciando-se em Sobral, tiveram os seguintes filhos:

12 — JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO, autor desta monografia, casado com LUÍZA BITTENCOURT DE ARAGÃO e residentes no Rio. O casal não tem filhos. Ela é filha de Alvaro Guedes Bittencourt e de sua mulher Carmina Pinto Bittencourt.

12 — VICENTE CAVALCANTE DE ARAGÃO casado com FILOMENA BRITO DE ARAGÃO. Êle era Capitão-Aviador, e faleceu, no Ceará, em 1939, em desastre de aviação. A viúva reside com os filhos no Rio.

Do casal nasceram os dois seguintes filhos:

13 — JOSÉ CAVALCANTE DE ARAGÃO, do alto comércio do Rio de Janeiro, casado com IVONE. O casal tem dois filhos — JOSÉ CAVALCANTE DE ARAGÃO JUNIOR e MONIQUE CAVALCANTE DE ARAGÃO.

13 — REGINA CAVALCANTE DE ARAGÃO, solteira e alta funcionária da Caixa Econômica Federal.

---

12 — JOSÉ MOACIR CAVALCANTE DE ARAGÃO casado com ALDERI DE ARAUJO ARAGÃO. Êle é alto funcionário do Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro.

Do casal nasceram os seguintes filhos:

13 — WANDA, professôra pública no Estado da Guanabara, casada com o Major do Exército WALTENCIR DOS SANTOS COSTA. O casal tem os seguintes filhos: a) DENISE; b) WÂNIA; c) LEILA.

13 — LÊDA casada com LUÍS CLEMENTE PETTI. Do casal há os seguintes filhos: a) LUÍS CLEMENTE PETTI FILHO; b) SÉRGIO LUÍS.

13 — GLAIR, professôra pública no Estado da Guanabara, casada com LUÍS JOSÉ FALCÃO DIAS. Do casal há o seguinte filho: PAULO CÉSAR.

13 — GALBA DE ARAÚJO ARAGÃO, solteiro e estudante de Odontologia.

13 — ARI DE ARAÚJO ARAGÃO, solteiro e Oficial do Exército.

---

12 — RAIMUNDO CAVALCANTE DE ARAGÃO casado com CACILDA MOREIRA TÔRRES. Êle era 1.º Tenente-Aviador e faleceu em 1939, na Bahia, em desastre de aviação. Deixou o seguinte filho, com apenas um ano de idade:

13 — JOSÉ CARLOS TÔRRES DE ARAGÃO, solteiro e atualmente Oficial do Exército.

---

10 — TERESA MARIA DE JESUS (TETA) — nasceu a 18 de dezembro de 1853, em Sobral. Morava na Serra do Rosário, na "Fazenda Boa Vista" que herdou, quando do falecimento de seu genitor.

OBS. — DOROTEU XIMENES DE ARAGÃO, pai do autor desta monografia, contraiu quatro casamentos: Do primeiro não houve sucessão; do segundo, com MARIA OLÍMPIA CAVALCANTI DE ARAGÃO, acabamos de ver que nasce-

ram quatro filhos, entre os quais, o autor desta monografia; do terceiro, com JOSEFA DIAS DE ARAGÃO, nasceram os cinco seguintes filhos:

I) — MARIA ELODY DE ARAGÃO BASTOS DO VALLE casada com o Capitão do Exército FERNANDO BASTOS DO VALLE. O casal possui os seguintes filhos: a) ROGÉRIO DE ARAGÃO BASTOS DO VALLE; 2) LÍLIAN DE ARAGÃO BASTOS DO VALLE.

II) — CLÉA DE ARAGÃO BAUMET, professôra pública no Estado da Guanabara, casada com o engenheiro francês, CHARLES JACQUES BAUMET. O casal possui os seguintes filhos: a) JACQUELINE DE ARAGÃO BAUMET; b) MAURICE DE ARAGÃO BAUMET.

III) — YOLANDA DE ARAGÃO MESQUITA, professôra pública no Estado da Guanabara, casada com o médico ODIL MACHADO MESQUITA. O casal possui a seguinte filha: MARTHA DE ARAGÃO MESQUITA.

IV) — ANTÔNIO JOSÉ DIAS DE ARAGÃO, funcionário público, casado com CARMEN ARAGÃO. O casal possui a seguinte filha: CRISTINA.

V) — IVONE DIAS DE ARAGÃO, professôra pública nc Estado da Guanabara. É solteira.

Nota: Os filhos dêsse terceiro matrimônio de DOROTEU XIMENES DE ARAGÃO são bisnetos de ROBERTO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO, irmão de ROSA MARIA DE VITERBO, espôsa de MANUEL FERREIRA CAVALCANTI cujo sesquicentenário de nascimento comemoramos através desta monografia. São, também, trinetos de ANACLETO FRANCISCO XIMENES DE ARAGÃO e pertencem à 13.ª geração do holandês ARNAUD DE HOLANDA e à 9.ª do Capitão da Armada Espanhola DOMINGOS DE S. THIAGO.

CONCLUSÃO

MANUEL FERREIRA CAVALCANTI cujo sesquicentenário de nascimento transcorre a 26 de fevereiro de 1961, ao falecer a 7 de março de 1901, depois de completar 90 anos, deixou mais de duzentos descendentes, entre filhos, netos, bisnetos e um trineto. Sabemos que a imprensa da época, na Capital do Estado do Ceará, assinalou o óbito, através de circunstanciado necrológio que, infelizmente, não nos chegou às mãos.

OBRAS E TRABALHOS CONSULTADOS

a) — "Dicionário Biobibliográfico Cearense", do Barão de Studart.

b) — "Notas para a História de Sobral", de Alberto Amaral.

c) — "Notas e Informações Genealógicas da Família Holanda Cavalcanti", de Francisco Dodô Ferreira Cavalcanti.

d) — "Diocese de Sobral", de Monsenhor Vicente Martins.

e) — "Nobiliarquia Pernambucana", de Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca.

f) — "*Notas Históricas* da Cidade de Sobral", de Monsenhor Fortunato Alves Linhares.

g) — "Os Quixadás", do Acadêmico Mário Linhares.

Tradição Oral e Informações colhidas entre vários membros da família.

ÍNDICE

Prefácio 9
Algumas palavras ainda 13
Agradecimento 15
Introdução 17
Terra e Gente da Ribeira do Acaraú 21
A Terra 23
A Devastação da Natureza 33
A Grande Sêca 37
A Gente 43
Povos primitivos da Ribeira do Acaraú 53
As Sesmarias 57
Sesquicentenário do Nascimento de Manuel Ferreira Cavalcanti 61
Manuel Ferreira Cavalcanti — sua vida 63
Manuel Ferreira Cavalcanti — seus ascendentes 67
Rosa Maria de Viterbo Ximenes de Aragão — seus ascendentes e colaterais 75
Rosa Maria de Viterbo Ximenes de Aragão e seus ascendentes através da linha de seu bisavô paterno 87
Manuel Ferreira Cavalcanti — seus descendentes 91
Conclusão 102
Obras e trabalhos consultados 103

EDITOR BORSOI
Rua Prof.ª Ester de Melo, 110 — Rio de Janeiro